



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

MARCOS OLIVEIRA DA COSTA

**O USO DO REFERENCIAL TEÓRICO EM TESES DE DOUTORADO NA ÁREA DA
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: uma análise à luz da contribuição de pensadores
selecionados**

BELÉM
2017

MARCOS OLIVEIRA DA COSTA

**O USO DO REFERENCIAL TEÓRICO EM TESES DE DOUTORADO NA ÁREA DA
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: uma análise à luz da contribuição de pensadores
selecionados**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Pará para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Lucivaldo Vasconcelos Barros.

BELÉM
2017

Dados Internacionais de Catalogação – na - Publicação (CIP)

C837u Costa, Marcos Oliveira da
O uso do referencial teórico em teses de doutorado na área de Ciência da
Informação: uma análise à luz da contribuição de pensadores selecionados /
Marcos Oliveira da Costa. - 2017.
91 f. : il. ; 29 cm

Inclui bibliografias

Orientador: Lucivaldo Vasconcelos Barros
Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Faculdade de Biblioteconomia, Belém,
2017.

1. Produção científica. 2. Referencial teórico. 3. Ciência da Informação. I.
Titulo.

CDD – 22. ed. 025.3

MARCOS OLIVEIRA DA COSTA

**O USO DO REFERENCIAL TEÓRICO EM TESES DE DOUTORADO NA ÁREA DA
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: uma análise à luz da contribuição de pensadores
selecionados**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Pará para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Lucivaldo Vasconcelos Barros.

Data de aprovação: ____/____/____

Conceito: _____

Banca Examinadora:

_____ - Orientador

Lucivaldo Vasconcelos Barros

Doutor em Desenvolvimento Sustentável (UNB)

Professor adjunto da Universidade Federal do Pará

_____ - Membro

Marise Teles Condurú

Doutora em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental (NAEA/UFPA)

Professora adjunta da Universidade Federal do Pará

_____ - Membro

Merabe Carvalho Ferreira da Gama

Mestra em Gestão pública (NAEA/UFPA)

Professora substituta da Universidade federal do Pará

AGRADECIMENTOS

Agradeço aqui a todas as pessoas que me deram força, me incentivaram e contribuíram de alguma forma para que eu chegasse à conclusão desse trabalho.

Primeiramente presto os meus mais sinceros agradecimentos a Deus, pois sem Ele nada poderia fazer, Ele é aquele me sustenta e me dá forças para continuar a todos os dias nessa caminhada incerta, porém necessária que é a vida. Deus é e sempre será o amor incomensurável e norteador de meu viver.

À minha família, especialmente a meus avós e mãe Zilda Oliveira da Costa, Moisés Catarino da Costa e Elenilda Oliveira da Costa por terem acreditado em mim e me dado a chance de viver, por me proporcionarem uma criação singela e humilde, porém com muita dignidade e amor, pois sem seus apoios eu jamais teria conseguido.

Ao meu orientador Professor Dr. Lucivaldo Vasconcelos Barros por ter me dado os aportes necessários ao desenvolvimento desse trabalho e por servir de inspiração acadêmica como um profissional esforçado e amante da Biblioteconomia.

Aos amigos que conheci na faculdade, mais especificamente os que entraram junto comigo nessa jornada que se iniciou em 2013, com os quais passei boas horas durante a vida acadêmica, agradeço a todos os momentos de felicidades e até mesmo de luta que passamos juntos e a tudo que compartilhamos uns com os outros, pois esses dias serão para sempre eternizados em minha memória.

Destaco aqui: Pamela Wellen, Rafael Queiroz, Sávio Ricardo, Jean Libório, Liniker Passinho, Christiani Newar, Aline Giuliane e Tainara Cardoso um agradecimento em especial as minhas duas últimas amigas, por me acolherem em seu lar durante o desenvolvimento do TCC e por terem compartilhado junto a mim as noites em claro. Obrigado a todos vocês, pois mesmo sem saber, me ajudaram cada um do seu jeito a continuar na caminhada acadêmica e espero levar vocês para a vida toda.

As parcerias que fiz na FABIB em outras turmas, destaco Jetur Lima por seus toques essenciais e auxiliares ao desenvolvimento da pesquisa e por todas as boas horas de discussões saudáveis sobre teoria crítica e de divagações epistemológicas que compartilhamos. A Demosthenes Vergolino Zahlouth por ter me permitido a experiência de fazer parte do CABIB e por seu exemplo de esforço, perseverança e honestidade. A colega Layane Gaya por todos os conselhos, auxílios e contribuições.

Aos professores da Faculdade de Biblioteconomia por terem compartilhado conhecimento e por seus esforços em persistirem nessa profissão árdua, porém linda que é ser professor.

A todas as pessoas que contribuíram para meu crescimento acadêmico fora do espaço da faculdade, mais especificamente nos estágios pelos quais passei, destaco a bibliotecária Lucia Imbiriba por ter confiado em mim e me proporcionado a prática em meu primeiro estágio uma atitude de que sempre lembrarei, a bibliotecária Maria do Socorro pelos seus ensinamentos e partilha de experiência e por ser uma profissional exímia e apaixonada pela profissão. Aos amigos que fiz em meu último estágio na Biblioteca do Tribunal de Justiça do Pará, sou muito grato por todo o aprendizado e pelos momentos que passamos juntos.

A todos que de forma direta ou indireta, conscientemente ou inconscientemente contribuíram para que eu chegasse até aqui, muito obrigado.

Para os crentes, Deus está no princípio das coisas. Para os cientistas, no final de toda reflexão.

Max Planck

RESUMO

Disserta sobre a importância do marco teórico como fase basilar inerente ao desenvolvimento do trabalho acadêmico, baseado nos conceitos de teoria e teórico apontados pelo estudo. Tem por objetivo estudar as características relacionadas ao marco teórico por meio da criação de um índice teórico-metodológico para entender melhor o significado de marco teórico e dos aportes teóricos necessários a sua construção, assim como para contribuir nas construções de trabalho acadêmico em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Sobre os percursos metodológicos, a natureza da pesquisa é aplicada, sua definição se enquadra como pesquisa exploratória e descritiva, o caráter do estudo é qualitativo e o instrumento de coleta de dados selecionado foi o levantamento bibliográfico e o método utilizado foi o indutivo. Para a construção do índice foi feita uma análise nas teses de doutorado dos cursos de Ciência da Informação da UNESP Campus Marília e da UFMG, as duas universidades foram escolhidas por serem as mais bem avaliadas na última avaliação trienal feita pela CAPES. Após a análise dos resultados pode-se observar que nem todos os autores se configuram como teóricos e que o processo de desenvolvimento do marco teórico necessita de paradigmas teóricos. Com base nos resultados mencionados concluiu-se que o marco teórico é composto por um conjunto de etapas relacionadas entre si e que a escolha de teóricos e teorias são de suma importância em sua construção com o objetivo de embasar e nortear todas as etapas relativas ao trabalho acadêmico.

Palavras-Chave: Produção científica. Referencial teórico. Método científico. Trabalho acadêmico.

ABSTRACT

It discusses the importance of the theoretical framework as the basic phase inherent to the development of academic work, based on the theoretical and theoretical concepts pointed out by the study. It aims to study the characteristics related to the theoretical framework through the creation of a theoretical-methodological index to better understand the meaning of the same and the theoretical contributions necessary for its construction, as well as to contribute in the construction of academic work in Librarianship and Information Science. On the methodological pathways, the nature of the research is applied, its definition fits as exploratory and descriptive research, the character of the study is qualitative and the selected data collection instrument was the bibliographical survey and the method used was the inductive method. For the construction of the index an analysis was made in the doctoral theses of the courses of Information Science of UNESP Campus Marília and UFMG, both universities were chosen because they were the best evaluated in the last triennial evaluation made by CAPES. After analyzing the results it can be observed that not all authors are configured as theoreticians and that the process of development of the theoretical framework requires theoretical paradigms. Based on the aforementioned results it was concluded that the theoretical framework is composed of a set of related steps and that the choice of theorists and theories are of paramount importance in its construction with the objective of supporting and guiding all stages related to work academic.

Keywords: Scientific production. Theoretical framework. Scientific Method. Academic work.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fluxograma 1 - Percurso metodológico	17
Fluxograma 2 - Tipos de pesquisa científica	27
Esquema 1 - Percepções diversas sobre CI	35
Esquema 2 - Teoria e pseudoteoria	42
Imagem 1 - Teoria evolucionista	43
Esquema 3 - Ciclo paradigmático.....	46
Esquema 4 - Níveis de abstração do marco teórico.....	51
Esquema 5 - Processo de construção do marco teórico.....	55
Esquema 6 – Levantamento do marco teórico das teses (UFMG/UNESP)	57

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CI	Ciência da Informação
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Aportes metodológicos	15
1.2	Instrumentos de coleta e critérios para a análise dos dados	17
1.3	Marco teórico	19
2	O QUE É CIÊNCIA?	22
2.1	Método científico: a singularidade coletiva	23
2.2	A pesquisa científica	25
2.3	A pesquisa em Ciência da Informação	33
3	A IMPORTÂNCIA DAS ABORDAGENS CONCEITUAIS E TEÓRICAS	38
3.1	Alguns entendimentos sobre Teoria	39
3.2	Autores do paradigma compartilhado	42
3.3	Autores do novo paradigma	44
3.4	Percepções sobre o conceito de marco teórico	47
4	O CERNE DO MARCO TEÓRICO	50
4.1	A construção do trabalho acadêmico e o marco teórico	52
4.2	Índice teórico-metodológico	55
5	CONCLUSÃO	60
	REFERÊNCIAS	62
	APÊNDICE A – ÍNDICE TEÓRICO-METODOLÓGICO	66
	APÊNDICE B – RELAÇÃO DE TESES CONSULTADAS	88

1 INTRODUÇÃO

A informação, objeto de estudo da Ciência da Informação (CI), é um fenômeno presente e indispensável no século vigente, pois é a partir dela que processos de reflexões, sejam eles subjetivos ou empíricos, são gerados e, por conseguinte, transformados em conhecimento contribuinte para o desenvolvimento de vários aspectos englobantes ao avanço informacional, vividos e presenciados na sociedade.

As afirmações sobre o estágio da Ciência da informação e Biblioteconomia aqui apresentadas, estão fundamentadas nos estudos de Saracevic (1996, p. 2) e sua abordagem da historicidade da CI, porém mais especificamente nas ideias de Souza (2008, p. 6) onde o mesmo expõe a necessidade de construção teórico-metodológica em áreas que tratam a informação, como Ciência da Informação e Biblioteconomia.

Analisando-se esse fenômeno no âmbito histórico da Ciência da Informação, observa-se certo pragmatismo em seus estudos, em sua maioria voltados à questões como organização da informação e conceitos matemáticos de recuperação da informação, levando os profissionais da área a certa “despreocupação” teórica tanto na esfera filosófica quanto em sua aplicação na metodologia, é o que adianta Le Coadic (2004, p. 22) e seus estudos sobre a área.

A respeito das áreas em CI que englobam a base da pesquisa como um todo são elas: o estudo e produção da comunicação científica, tendo em vista que esse trabalho produz conhecimento científico para dar aporte a futuras pesquisas no âmbito acadêmico. Entretanto, a mesma possui viés da área da teoria crítica, pois propõe conceitos e fundamenta suas análises e estudos baseando-se na Filosofia e História e em teóricos críticos das Ciências Sociais e outros ramos como, por exemplo, as áreas teórico-metodológicas da ciência.

No curso da elaboração deste trabalho acadêmico, o foco é dado na necessidade de construção do marco teórico; abordando questões metodológicas e conceituais.

Portanto, o presente trabalho estuda os processos que englobam o desenvolvimento de um índice teórico-metodológico, assim como as conceitualizações de teoria e teórico existentes e aceitas pela ciência, baseando-se em autores selecionados, para fundamentar o desenvolvimento da pesquisa.

A escolha do tema justifica-se a partir dos seguintes pressupostos:

- a) por meio de pesquisas feitas em base de dados¹ de língua portuguesa que possuem conteúdos em CI e Biblioteconomia, identificou-se que se trata de um campo de estudo pouco explorado, mas de suma importância para o desenvolvimento e aperfeiçoamento das pesquisas feitas em universidades;
- b) também por se ter percebido através de pesquisa bibliográfica, um déficit da Ciência da informação e Biblioteconomia no desenvolvimento de sua área teórico-metodológico;
- c) fundamentou-se, para justificar a escolha do tema nas afirmações de Brito (2009, p. 33) onde expõe que para o pesquisador iniciante construir o referencial teórico pode parecer tarefa árdua, mostrando com isso, as dificuldades dos pesquisadores iniciantes no processo de construção de seus referenciais.

A respeito disso, acredita-se na necessidade de uma busca epistêmica² no processo de elaboração dos referenciais para os trabalhos acadêmicos, visando à utilização de suas contribuições no campo da reflexão, para que assim se possam fundamentar as mais diversas discussões existentes na área.

Com base nessas conjecturas, a pesquisa tem um caráter de contribuição para Biblioteconomia e Ciência da Informação, pois se faz necessário analisar e identificar os teóricos e seus estudos para haver um desenvolvimento na evolução de suas grades teóricas e no aperfeiçoamento do processo de construção metodológico de trabalhos acadêmicos da área.

Para a sociedade, essa pesquisa tem relevância, considerando o fato de que a informação se encontra em todas as suas esferas, logo, é imprescindível uma evolução nas áreas das ciências que estudam esse fenômeno.

Sobre a problematização, identificou-se através de pesquisa bibliográfica uma carência na definição do que se configura como marco teórico para ciência. Analisou-se que essa falta de definição ocorre com maior frequência nos estudos de língua portuguesa. E por meio de pesquisas em base de dados, de forma mais específica, identificou-se poucos estudos de conteúdo nacional relacionado ao marco teórico, acarretando com isso, possíveis dificuldades no desenvolvimento e na construção dos trabalhos acadêmicos.

¹ As bases aqui citadas são bases multidisciplinares e bases relacionadas à CI e foram consultadas durante o desenvolvimento da pesquisa tais como: Brapci, Peri, Scielo, Datagramazero, Periódico Capes, Google acadêmico, BDTD e RABCI.

² Deriva de “epistemologia” que pode ser vista como o estudo do conhecimento ou como uma Filosofia da Ciência, tendo por objetivo investigar os processos e condições as quais se produz o saber na construção do conhecimento científico, sendo esse estudo dentro da ciência de forma geral, ou de alguma de suas ramificações (GASTON, 2006, p. 16).

Dessarte, o trabalho visa dispor fundamentando-se no diálogo reflexivo, e na análise descritiva do processo e de estudos de bibliografias já concretizados na área, e através dos aportes teóricos de profissionais da área da Filosofia e da Ciência da Informação e áreas selecionadas, dentro do processo de elaboração de trabalhos acadêmicos, visando especificamente à questão metodológica relativa ao índice teórico-metodológico. Sobre isso, ressaltam-se as seguintes questões: O que se configura como marco teórico para a Ciência? Quais os autores que possuem carga teórica que podem contribuir para o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos em Biblioteconomia e Ciência da Informação? Quais os resultados e benefícios que um marco teórico bem constituído pode trazer para o desenvolvimento dos trabalhos acadêmicos em Ciência da Informação e Biblioteconomia?

Assim sendo, como objetivo geral o estudo pretende desenvolver um índice teórico-metodológico para dar suporte ao marco teórico na construção de trabalhos acadêmicos em Biblioteconomia e Ciência da Informação à luz da contribuição de pensadores selecionados.

De forma específica objetiva-se: a) investigar o conceito de teoria aceito pela ciência; b) identificar o que se configura como marco teórico segundo a metodologia científica; c) apontar quais pensadores podem contribuir na elaboração do marco teórico dentro das linhas de estudo da Biblioteconomia; d) demonstrar a importância da pesquisa e do marco teórico no processo de construção de trabalhos acadêmicos em Biblioteconomia.

A delimitação dos capítulos está dividida da seguinte forma:

No Capítulo 1 contextualiza-se sobre os trajetos e sobre o caráter da pesquisa, abordando as bases divisórias da construção do trabalho como, contextualização da pesquisa, justificativa, problemática, objetivo geral e objetivos específicos, seguidos dos aportes metodológicos que indicam os percursos e métodos utilizados no processo de construção da pesquisa e finaliza-se com o fluxo do marco teórico.

O Capítulo 2 explana sobre o caráter da ciência e identifica as partes constituintes de uma pesquisa científica, identificando principalmente o método como parte essencial desse processo. E faz um breve histórico da pesquisa em Ciência da Informação.

Dando seguimento, o Capítulo 3 vai dissertar sobre a importância e necessidade das abordagens conceituais e teóricas para a ciência e identifica conceitos dos termos relacionados ao trabalho.

No Capítulo 4 explica-se a razão de ser do marco teórico, segundo a visão abordada pelo estudo, assim como sua importância, sua relação e aplicação metodológica no processo de construção do trabalho acadêmico e identifica o propósito do marco teórico através da visão de pensadores da área.

Por fim, o Capítulo 5 apresenta as considerações finais da pesquisa onde constata-se os resultados do assunto proposto, sinalizando a importância e necessidade da reflexão epistêmica ainda que sujeita a percursos metodológicos, mais especificamente no que concerne ao marco teórico para confiabilidade e sustentação da pesquisa acadêmica em Biblioteconomia e CI.

1.1 Aportes metodológicos

A metodologia é uma parte essencial do trabalho científico, pois é através dela que se discorre sobre as etapas de construção do mesmo, fazendo assim com que haja a possibilidade de se dar continuidade ao estudo, por outros pesquisadores e também, trazendo confiabilidade ao trabalho. Sobre a importância da metodologia afirma Demo (1985, p. 85):

a falta de reflexão metodológica traduz também, imediatamente, um tipo de mediocridade científica que é a crença em evidências dadas. A ciência começa precisamente aí, quando não se reconhecem evidências dadas. Problematizar as vias do conhecimento é ir em busca de outras, com vistas a um conhecimento mais realista e profundo.

Portanto, é de suma importância ressaltar os caminhos que foram seguidos na pesquisa pelos autores, e no processo de construção de suas teorias (DEMO, 1985, p. 25).

Vários conceitos e pontos de vistas diferentes são expostos pelos mais diversos metodólogos e poderiam ser aplicados ao trabalho, porém optou-se por utilizar os conceitos dos autores citados a seguir.

Quanto à natureza da pesquisa, define-se como pesquisa aplicada, tendo em vista que gera conhecimentos para aplicações práticas em realidades e locais específicos (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51).

No mesmo sentido, o estudo define-se como uma pesquisa exploratória, que de acordo Gil (2002, p. 41) tem por objetivo “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”.

Segundo Boente e Braga (2004) e Santos (2002 apud CONDURÚ; PEREIRA, 2013, p. 42) esse tipo de pesquisa busca por informações disponíveis sobre determinado assunto e se configura como etapa inicial para outras pesquisas.

A presente pesquisa apresenta também características de pesquisa descritiva, pois foi desenvolvida baseando-se na observação de uma realidade e público específico (GIL, 2002, p. 42).

Acerca da abordagem do problema, define-se como pesquisa qualitativa porque trabalha com significados dentro das ações e relações humanas algo que não se pode mensurar ou captar através de equações e métodos estatísticos (MINAYO, 2002, p. 22).

Quanto aos procedimentos técnicos o método de coleta de dados se define como de pesquisa bibliográfica, pois focará no levantamento de estudos de autores que abordem o tema do trabalho.

De acordo com Boente e Braga (2004) e Santos (2002 apud CONDURÚ; PEREIRA, 2013, p. 45) a pesquisa bibliográfica pode ser definida como sendo uma pesquisa em documentos já elaborados e consolidados como livros, periódicos, anais, enciclopédias etc.

É de suma importância à análise de questões sejam elas teóricas ou empíricas através da pesquisa bibliográfica, pois elas podem abrir os horizontes do pesquisador ajudando-o tanto a fomentar como a concretizar seu estudo, baseando-se em conceitos e pesquisas já bem trabalhados por autoridades nas áreas estudadas. Nesse sentido Koche (1997, p. 122) define pesquisa bibliográfica:

é a que se desenvolve tentando explicar um problema, utilizando o conhecimento disponível a partir das teorias publicadas em livros ou obras congêneres. Na pesquisa bibliográfica, o pesquisador deve procurar o conhecimento disponível na área, identificando as teorias produzidas, analisando-as e avaliando sua contribuição para auxiliar a compreender ou explicar o problema objeto da investigação.

Percebe-se que a pesquisa bibliográfica para o desenvolvimento da pesquisa exploratória é indispensável, pois o autor não pode fazer especulações, ou até mesmo criar algo, seja no âmbito empírico ou teórico, sem tomar por base algo já concretizado anteriormente por estudiosos de sua mesma linha de pesquisa.

Sobre o método de análise dos dados, é tido por qualitativo, pois verifica e seleciona os dados coletados das bibliografias de acordo com o teor da pesquisa realizada e com os autores apontados para dar embasamento à pesquisa.

A respeito do método qualitativo dispõe Gil (2002, p. 133):

a análise qualitativa é menos formal do que a análise quantitativa, pois nesta última seus passos podem ser definidos de maneira relativamente simples. A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação.

Assim sendo, o método de pesquisa classifica-se como indutivo esse método analisa do particular para o geral, pois observa uma realidade específica que será aplicada dentro de uma lei geral (PRODANOV; FREITAS, 2009, p. 28).

Resumindo o percurso metodológico escolhido para a construção do estudo e já explicitado acima, segue um esquema que sintetiza o que já fora dito:

Fluxograma 1 - Percurso metodológico



Fonte: Elaboração própria, 2016.

Em decorrência disso, sobre os percursos metodológicos, a natureza é tida como pesquisa aplicada, e sua definição se enquadra como pesquisa exploratória, optou-se também por selecionar a pesquisa descritiva para fundamentar a análise do caso em questão. Para abordar o problema, selecionou-se o método qualitativo, e o instrumento de coleta de dados selecionado foi o de levantamento bibliográfico, sendo a pesquisa indutiva, tendo em vista que aborda um determinado problema, do seu ponto específico para o geral.

Importante ressaltar que a normalização geral do trabalho foi feita de acordo com os critérios exigidos pela Associação Brasileira de Normas Técnicas e norteados por alguns entendimentos de Condurú e Pereira (2013).

1.2 Instrumentos de coleta e critérios para a análise dos dados

O instrumento de coleta de dados utilizado no trabalho como já ressaltado acima, deu-se principalmente por meio de pesquisa bibliográfica feita em estudos já concretizados, como livros e artigos científicos. Entretanto, para que se cumprisse o objetivo do estudo, grande parte da bibliografia analisada foram teses de doutorado³. As teses de doutorado analisadas

³É importante ressaltar que ambos os cursos de doutorado escolhidos para se fazer o levantamento do marco teórico, são multidisciplinares, ou seja, possui graduados de várias áreas do conhecimento. E que as teses consultadas dos cursos de doutorados mencionados se encontram em apêndice pela ordem em que foram consultadas nos sites de suas respectivas universidades.

fazem parte do banco de teses das Universidades: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Marília (UNESP-Marília) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Sobre os critérios escolhidos para fazer a seleção das universidades, são eles:

- Curso de doutorado em Ciência da Informação com maior nota na última avaliação trienal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), ocorrida em 2013;
- Universidades que disponibilizam *online* teses de doutorado na íntegra;
- O trabalho deveria estar disponível no banco de teses da universidade as teses relativas à última avaliação trienal da Capes.

Foram escolhidos para a análise e levantamento dos dados constituintes do índice de marco teórico teses de doutorados, a respeito do caráter das teses de doutorado afirma NBR 14724 “documento que resulta de trabalho experimental ou estudo científico, tendo tema único, bem delimitado e elaborado com base em investigação e proposta original; com a coordenação de um orientador (doutor)” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2005, p. 3). Optou-se então por escolher teses de doutorado, por serem trabalhos bem constituídos e por se tratar de pesquisas que necessitam de percursos metodológicos bem trabalhados e também por serem de ampla aceitação pela ciência. Vale ressaltar que esse tipo de documento também tem uma relevância ainda maior em comparação a outros, pois apresentam temas relativamente únicos e questões problemas que nunca foram abordados por outros pesquisadores, fazendo assim com que os mesmos apresentem um caráter único e, portanto, precise de estruturas metodológicas bem trabalhadas.

No que concerne ao quantitativo das teses analisadas, foram observadas 22 teses da UNESP e 30 da UFMG o que dá um total de 52 teses ao todo.

As universidades escolhidas foram selecionadas por terem as maiores notas em seus cursos de doutorados em Ciência da Informação de acordo com o critério da última avaliação trienal da Capes ocorrida no ano de 2013, relativa aos anos de 2010 a 2012.

Por fim, as pesquisas para identificar as instituições de maiores notas foram feitas na plataforma Sucupira⁴, uma plataforma do governo que disponibiliza informações sobre o estado da educação, porém principalmente dando foco ao cenário acadêmico.

O levantamento de dados feito nas teses das universidades já citadas para se chegar ao resultado proposto no estudo foi feito da seguinte maneira:

⁴ Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira>> Acesso em: 20 mar. 2017.

Em relação à pesquisa na UFMG:

- pesquisou-se por banco de teses UFMG, utilizando o navegador Google;
- selecionou-se no site o tópico busca;
- escolheu-se o tipo de documento no qual foi feita a pesquisa: teses de doutorado;
- indicou-se o curso de doutorado Ciência da Informação;
- selecionou-se as teses por data de envio no período de 2010 a 2012.

A pesquisa na UNESP-Marília foi feita de acordo com os seguintes passos:

- pesquisou-se por banco de teses UNESP-Marília, utilizando o navegador Google;
- selecionou-se na listagem de teses indicadas pelo site, as teses de Doutorado em Ciência da Informação referentes aos anos de 2010 a 2012.

Após o recolhimento dos dados necessários, identificaram-se nas teses de doutorado dessas duas universidades quais autores constituíam seus marcos teóricos, a seguir foi feita uma análise baseando-se nos critérios e conceitos de teoria e teórico expostos pelo trabalho, para identificar esses autores e concluir quais dentre eles se configuram como teóricos. Os autores que não se enquadraram como teóricos, mas que são muito citados e possuem uma contribuição importante para a ciência, tiveram os nomes negritados para diferenciá-los dos autores tidos como teóricos.

Depois dessa fase elaborou-se um índice listando esses teóricos e identificando através da visão de Araújo (2009) e de acordo com os temas das teses que utilizavam esses pensadores, em quais áreas da Ciência da Informação os mesmos se enquadram e em que áreas podem ser utilizadas como marco teórico para Biblioteconomia e Ciência da Informação.

1.3 Marco teórico

Essa pesquisa pode ser vista como teórico-metodológica, tendo em vista que utiliza de métodos científicos, mas ressalta a importância do aspecto teórico no desenvolvimento do estudo (SEVERINO, 2007, p. 106).

Para o desenvolvimento do marco teórico do estudo viu-se a necessidade de diversificá-lo, tendo em vista que o trabalho aborda também questões de metodologia científica e esse ramo da ciência possui caráter multidisciplinar. O autor escolhido como marco teórico de Ciência da Informação foi o teórico Rafael Capurro que em seus estudos

aborda questões como quebra de paradigmas construtivistas, cognitivos empíricos e pragmáticos que foram de certa forma impostas nas ciências durante seu desenvolvimento, focando essa problematização de forma módica no âmbito da Ciência da Informação.

Seus estudos estão voltados para contribuição teórica da CI, focando de forma constante no desenvolvimento definitivo de uma Filosofia da Informação e, por conseguinte na formulação de uma reflexão epistêmica mais aprofundada. Uma de suas importantes teorias que identificam três grandes paradigmas dentro da área, o paradigma físico, o cognitivo e o social, contribuíram para o aspecto mais crítico da CI, inclusive já fora utilizada e nomenclaturada por dois estudiosos da área como o “Trilema de Capurro” (FLEISSNER; HOFKIRCHNER, 1995, não paginado).

Sobre a importância da reflexão epistemológica para que haja a possibilidade da CI se configurar como uma ciência ainda mais estruturada e para contribuir de forma positiva no desenvolvimento crítico e metodológico da área, Capurro (2003, não paginado) afirma em seu artigo Epistemologia e Ciência da Informação “se queremos identificar o papel de uma ciência da informação autônoma, devemos transportá-la a nível mais abstrato. Para isso torna-se necessária uma reflexão epistemológica que mostre os campos de aplicação de cima para baixo, ou *top down*”.

Outro autor que contribui para a fundamentação do trabalho é o pesquisador Koche, que estuda a metodologia da pesquisa científica de forma aprofundada e desenvolve pensamentos para seu melhor desempenho, o autor aborda a importância e necessidade da investigação teórica dentro das fases que são inerentes à pesquisa científica. A respeito da investigação científica e sua relação com a teoria, “a investigação científica se desenvolve, portanto, porque há a necessidade de construir e testar uma possível resposta ou solução para um problema, decorrente de algum fato ou de algum conjunto de conhecimentos teóricos”. (KOCHE, 1997, p. 71).

As teorias para a fundamentação da pesquisa são essências para distinguir a pesquisa acadêmica de pesquisas que não possuem viés científico. Sobre a essencialidade da fundamentação teórica expõe Koche (1997, p. 33):

a significação dos conceitos é definida à luz das teorias que servem de marcos teóricos da investigação, proporcionando-lhes, dessa forma, um sentido unívoco, consensual e universal. A definição dos conceitos, elaborada à luz das teorias, transforma-os em construtos, isto é, em conceitos que têm uma significação unívoca convencionalmente construída e dessa forma universalmente aceita pela comunidade científica

E apesar do trabalho apresentar caráter empírico-metodológico, pode-se ressaltar que baseou-se também em concepções metafísicas para o seu desenvolvimento, pois a teoria é um

esquema de reflexões profundas baseadas, ou não, em um determinado aspecto da realidade, a definição de metafísica aqui citada e introduzido na pesquisa, é a de explicação da realidade através de teorias aceitas pela ciência. A vista disso e sobre a importância da mesma afirma-se “não creio que a metafísica seja algo sem-sentido, e não acho que seja possível eliminar todos os ‘elementos metafísicos’ da ciência: eles estão intimamente entrelaçados com os restantes” (POPPER apud OLIVEIRA, 2012, p. 33).

Avir-se que a pesquisa deve obedecer a certos critérios de cientificidade que são estipulados pela ciência, para que a mesma venha ser validada como pesquisa científica. Em razão disso, Kuhn (2005, p. 43) defende a ideia de que a ciência obedece a paradigmas que se fazem necessários para a preservação do método científico e para o avanço da mesma.

Para trazer aporte metodológico e teórico à pesquisa, fazem-se necessárias as contribuições de Thomas Kuhn, pois o mesmo se aprofundou em estudos investigativos relacionados a historicidade dos métodos científicos, assim como criou reflexões específicas sobre o assunto e abordou em seus estudos a metodologia científica de forma pragmática e crítica.

Acerca do conhecimento científico, e sobre o termo denominado por Kuhn (2005, p. 29) de ciência normal afirma o mesmo:

ciência normal significa a pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas. Essas realizações são reconhecidas durante algum tempo por alguma comunidade científica específica como proporcionando os fundamentos para sua prática posterior.

Frisa-se a importância dos trabalhos de Kuhn, pois demonstram a necessidade da continuidade da ciência, fazendo com que se faça necessário a preservação de certos percursos e teorias já bem estipuladas e aceitas pela comunidade científica, para validar tanto os novos estudos fundamentando-se em conhecimentos já bem estipulados, quanto às novas teorias criando assim novos conhecimentos.

Faz-se importante salientar que todos os autores citados no marco teórico do trabalho foram devidamente apontados como pensadores do campo da metodologia por (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 25).

Ressalta-se por meio da análise dos estudos acima citados, a importância das pesquisas dos autores constituintes do marco teórico, pois dão aporte ao trabalho científico, e em razão de suas contribuições de teorias já aceitas e bem constituídas pela comunidade científica trazem confiabilidade ao estudo.

2 O QUE É CIENCIA?

A ciência está presente em grande parte das inovações existentes no mundo, e tem a capacidade de afetar diretamente vários aspectos da realidade social, desde o surgimento de novas tecnologias, que por sua vez intervêm na economia mundial, a fatores de ordem biológicos como as pesquisas que investigam e encontram curas para determinados tipos de patologias, além de influenciar na forma de como as pessoas e grupos sociais interagem entre si.

A vista disso, “entende-se como ciência um acervo de conhecimentos científicos que se renova com a pesquisa para cada vez mais resolver problemas, desenvolver procedimentos, equipamentos, produtos e responder a questões” (CASTILHO, 2011, p. 8).

Ciência pode ser visto, também como um processo de pesquisa que transforma aquilo que se é visto como verdadeiro, naquilo que é conhecido como verdadeiro. É a busca por uma melhor compreensão dos fenômenos estudados com o intuito de conhecer a realidade e adquirir conhecimento (DIAS, 2009, p. 6).

De acordo com Castilho (2011, p. 8) a ciência caracteriza-se por: “ser um conhecimento racional, sistemático, exato, verificável, falível, certo e real; pela investigação rigorosa, controlada, baseada em metodologia, proporcionando obtenção das conclusões científicas, e desenvolvimento de teorias que serão aplicadas na prática”.

No entanto, os métodos e meios científicos assim como a própria ciência, nem sempre existiram, tais aportes científicos surgiram de necessidades de aprofundamento técnico no processo de evolução do conhecimento, saber esse que em seus primórdios baseavam-se em três grandes vertentes, o mítico, atribuía aos fenômenos da natureza e ao “inexplicável” caráter sobrenatural, o religioso explicava as questões metafísicas e fenômenos da natureza como se fossem revelações divinas, já ao filosófico sendo o que mais se aproxima do conhecimento científico dos dias atuais, partia do princípio da investigação racional para compreender a essência do imutável assim como entender as formas e as leis da natureza (SILVA, 2001, p. 110).

Dentre os três conhecimentos citados como já ressaltado, o saber filosófico era o que mais se aproximava da ciência moderna, foi mais perdurante e teve maior aceitação como científico, pois utilizava o método dedutivo baseado em lógicas filosóficas no processo de investigação da realidade, porém com a evolução da sociedade e as influências de correntes

filosóficas como a do humanismo⁵, houve-se uma maior criteriosidade para selecionar e separar o real do fictício, para distinguir os saberes que ulteriormente poderiam dar aporte a outras pesquisas, dos conhecimentos que são baseados em relatos, mas que não tem comprovação empírica. A respeito dessa mudança discorre Mueller (2000, p. 69):

a partir do século XVII há uma grande mudança no meio científico: a dedução deixou de ser aceita como método principal de pesquisa, e a comunidade científica começa a exigir evidências baseadas na observação e na experiência empírica para que os conhecimentos resultantes pudessem ser considerados científicos.

Tais acontecimentos mudaram também os métodos da comunicação científica, já que anteriormente os até então filósofos cientistas, se comunicavam pessoalmente, ou através de cartas e suas produções intelectuais eram publicadas de forma mais formal e ampla, em livros e longos tratados (MUELLER, 2000, p. 69).

Apesar do caráter militante da comunidade científica em impor métodos para solucionar problemas, e classificar como verdade apenas as pesquisas que seguissem tais métodos científicos, essa mudança foi necessária para evolução e o aperfeiçoamento das pesquisas que anteriormente eram feitas apenas no âmbito da reflexão.

2.1 Método científico: a singularidade coletiva

Feitas as divisões entre os saberes e da classificação do conhecimento científico como verdadeira expressão da realidade, pois não se embasa apenas em especulações, ou divagações não comprovadas, mas fundamenta suas análises com testes e provas observáveis, desenvolveu-se então o conceito de método para nomenclaturar os caminhos pelos quais os cientistas percorriam até chegarem ao resultado final de suas pesquisas (SILVA, 2001, p. 111).

A respeito do significado do método científico, Marconi e Lakatos (2003, p. 83) define como “o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”.

Pode-se dizer então que o método na ciência é o conjunto de procedimentos e percursos mentais utilizados na pesquisa. É o caminho e forma de abordagem utilizado para

⁵ Etimologicamente, significa tudo aquilo que se volta para o humano. O humanismo toma o homem como foco de qualquer preocupação filosófica; é uma interrogação sobre o ser, que surge desde os filósofos gregos. (BEZERRA; BEZERRA, 2012, p. 24).

se chegar as abstrações necessárias dos fenômenos estudados (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 26).

Compreende-se então, que os métodos são de suma importância na construção científica, pois exemplifica a forma de abordagem escolhida para destrinchar e entender determinado fenômeno.

De acordo com Marconi e Lakatos (2009 apud CASTILHO, 2011, p. 12) os métodos estão situados em níveis distintos podendo ser sistematizados e classificados da seguinte forma:

- **Método indutivo:** parte de constatações mais particulares à formulação de leis e teorias para aplicação dos resultados do particular para o geral.
- **Método dedutivo:** parte-se do resultado de teorias e leis para análise e explicação de fenômenos particulares.
- **Método hipotético-dedutivo:** formula-se uma hipótese, testando a ocorrência de fenômenos abrangidos pela hipótese. São as variáveis que persistem como válidas resistindo às tentativas de falseamento.
- **Método dialético:** é a arte do diálogo que se transforma através de etapas na arte de demonstrar uma tese capaz de definir, atingir com a clareza os conceitos envolvidos na discussão. Ação recíproca, contradição inerente ao fenômeno e da mudança dialética que ocorre na natureza.
- **Método histórico:** investigar os acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes.
- **Método comparativo:** estudo das semelhanças e distinções de diversos grupos sociais, ou povos. Contribui para uma compreensão maior do comportamento humano com o objetivo de verificar igualdades e divergências.
- **Método monográfico:** estudo de determinados indivíduos, profissões, condições, instituições, grupos ou comunidades, com a finalidade de obter generalizações. A investigação deve examinar o tema escolhido, observando todos os fatores que influenciaram e analisando-o em todos os seus aspectos.
- **Método estatístico:** sintetização de fenômenos sociológicos, políticos, econômicos a termos quantitativos e à manipulação estatística, que permite comprovar as relações dos fenômenos entre si.

Uma importante consideração a se fazer é a de que existem diversos livros de metodologia que explanam sobre método científico e alguns autores não fazem a devida distinção entre metodologia e método científico. Entretanto, no estudo em questão viu-se a necessidade de diferenciá-los para fins didáticos e melhor compreensão. Para explicar melhor essa divisão, seguem alguns entendimentos do que seria a metodologia.

Inicialmente, metodologia é uma preocupação instrumental que trata dos trajetos, das técnicas e das formas de se fazer ciência (DEMO, 198, p. 19). Pode ser compreendida como o caminho do pensamento que incluem as concepções teóricas de abordagem e o conjunto de técnicas que auxiliam o potencial de criação do pesquisador (MINAYO, 2002, p. 16).

A metodologia é o instrumento de esclarecimento da forma de abordagem do problema em questão, detalhando os principais procedimentos, técnicas e hipóteses utilizadas, para que o futuro leitor da pesquisa compreenda o roteiro do estudo, tornando possível a identificação e avaliação dos procedimentos escolhidos (KOCHE, 2011, p. 144).

Portanto, baseando-se nos autores acima citados, e nas reflexões feitas por Prodanov e Freitas (2013, p. 14) entende-se como método o caminho percorrido, ou conjunto de procedimentos que se utilizou para resolver determinado problema. Já a metodologia é a avaliação demonstrativa do conjunto de métodos e técnicas utilizadas para resolver os problemas e questões de investigações. Se esse entendimento fosse organizado de forma hierárquica do geral para o específico, a metodologia estaria na extremidade geral, enquanto o método ocuparia uma posição mais específica.

Método científico e metodologia constituem-se então paradigmas científicos universais e necessários no processo de construção da ciência, tendo em vista que regulam conhecimentos e ajudam na construção dos quebra-cabeças científicos auxiliares na utilização futura desse saber por outros pesquisadores.

2.2 A pesquisa científica

Foi por meio da mudança gerada pela quebra de paradigmas da ciência e pela criação dos métodos científicos, como já visto no tópico anterior que se criaram critérios e métodos científicos para fundamentar as pesquisas feitas, passando a não mais acreditar apenas em crenças populares ou em deduções filosóficas, mas sim nos estudos baseados no empirismo, ou seja, na análise através de observação, criando assim os primeiros moldes da pesquisa científica.

Para entender a natureza da pesquisa científica, levantam-se três premissas fundamentais que serão respondidas no decorrer deste tópico: O que seria pesquisa? Como se deve fazê-la? Qual sua importância no processo de evolução da ciência?

De acordo com Gil (2002, p. 17) “pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. A pesquisa pode ser definida também como sendo a atividade básica da ciência, pois tem como fim a geração de conhecimento que será utilizado na construção da mesma (DEMO, 1985, p. 23).

Portanto, para Marconi e Lakatos (2003, p. 155) “a pesquisa é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”.

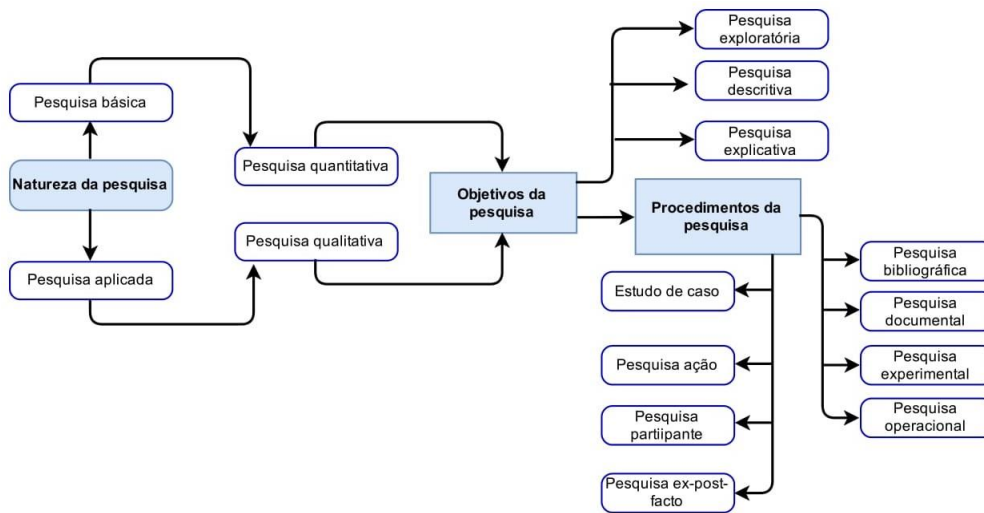
Com isso, afirma-se ser a pesquisa científica um conjunto de ações investigativas que utiliza métodos sistêmicos para descobrir a realidade de um determinado problema, e gerar hipóteses, ou conclusões definitivas sobre o caso em questão.

De acordo com Demo (1985, p. 23) os gêneros da pesquisa científica podem ser:

- teórica, quando se dedica a investigação e estudo de teorias;
- metodológica, caso se ocupe com os percursos e com o fazer científico;
- empírica, baseia-se no estudo de dados concretos e mensuráveis da realidade social.

As pesquisas podem ser classificadas de várias formas, todavia optou-se por utilizar o método proposto por Prodanov e Freitas (2013, p. 51) de acordo com esses autores a natureza da pesquisa pode ser básica ou aplicada, sendo que os mesmos veem a pesquisa básica mais ligada ao método quantitativo, enquanto a aplicada dentro das ciências sociais está relacionada com o método qualitativo, porém ambos os métodos tem um propósito comum, que é ajudar a nortear o objetivo da pesquisa. Para se chegar aos resultados esperados pelo estudo podem ser feitos três tipos de pesquisa, a exploratória a descritiva ou a explicativa. Já os procedimentos relacionados a pesquisa, podem ser divididos segundo os autores como estudo de caso, pesquisa ação, pesquisa participante e pesquisa ex-post-facto e o método para coleta de dados pode ser feito através de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, pesquisa experimental e pesquisa operacional. A classificação das pesquisas citadas serão resumidas a partir do fluxograma 2 e melhor explicitadas após o mesmo.

Fluxograma 2 - Tipos de pesquisa científica



Fonte: Adaptado de Prodanov e Freitas (2013).

Sobre a natureza da pesquisa científica, Prodanov e Freitas (2013, p. 51) dividem em duas vertentes:

- **pesquisa básica:** gera novos conhecimentos que contribuem para o avanço da ciência, porém sem aplicação prática prevista e envolve verdade e interesses universais;
- **pesquisa avançada:** gera conhecimentos para aplicações práticas com o objetivo de solucionar problemas específicos e envolve verdades e interesses locais.

As formas de abordagem do problema dividem-se em duas, sendo elas:

- **pesquisa quantitativa:** quantifica todos os dados das pesquisas, ou seja, traduz em números as informações e opiniões coletadas para analisá-las. Para tal análise utiliza técnicas estatísticas, tais como percentagem, média, moda, mediana, desvio padrão, etc. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 69);
- **pesquisa qualitativa:** leva em consideração as relações entre mundo e sujeito, acredita no vínculo de subjetividade do mesmo defendendo a ideia de que tais relações não podem ser transfiguradas em números. Faz-se a análise desse tipo de pesquisa no próprio ambiente natural onde a mesma ocorre e os dados são interpretados de forma indutiva. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 69).

De acordo com Malhotra (2012, p. 8) os objetivos da pesquisa científica podem ser divididos da seguinte forma:

- **pesquisa exploratória:** ajuda ao pesquisador a compreender o problema em questão, e esse tipo de pesquisa é utilizada em casos que é necessário definir o problema com uma maior precisão. Pode ser utilizado com a finalidade de se estruturar um problema ou definir o mesmo de forma mais precisa, identificar rotas alternativas de ação,

desenvolver hipóteses, estabelecer fundamentos para pesquisas posteriores e isolar de forma mais direta o problema, para então obter critérios que deem subsídios no desenvolvimento de uma abordagem do problema.

- **pesquisa descritiva:** descreve e interpreta algum fenômeno ocorrente no mundo físico, suas características e funções, porém sem a pretensão de causar interferência. Um bom exemplo desse tipo de pesquisas são as pesquisas mercadológicas, ou pesquisas de mercado. Essas pesquisas são usadas no processo de descrição de características de grupos referentes a área de mercado, como consumidores, vendedores, organizações, identificar, ou estimar um quantitativo de população específica que compartilham de um determinado comportamento, estabelecer as percepções características a um produto e faz previsões inerentes ao objeto analisado;
- **pesquisa explicativa:** identifica os fatores determinantes ou contribuintes em que ocorrem os fenômenos. Configura-se como uma pesquisa delicada, tendo em vista que seu objetivo é explicar a razão e o porque das coisas. São bastante utilizadas nas ciências naturais com o objetivo de explicar a causa de uma determinada patologia, ou em observações psicológicas de indivíduos e grupos (GIL, 2002, p. 43).

Ressalta-se que os procedimentos técnicos para a coleta de dados são de extrema importância no processo de desenvolvimento do estudo, pois a partir dessa etapa que são adquiridas as informações necessárias para dar prosseguimento e fundamento a toda pesquisa científica. É uma fase importante, pois esses procedimentos fazem parte do delineamento do objeto de estudo que visa identificar através das informações coletadas a classificação na qual a pesquisa melhor se enquadrará (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54).

Os procedimentos técnicos da pesquisa classificam-se em:

- **pesquisa bibliográfica:** é aquela que se realiza a partir dos materiais disponíveis decorrentes de pesquisas anteriores já bem trabalhados por outros pesquisadores e registrados devidamente como, livros, artigos, teses (SEVERINO, 2007, p. 123);
- **pesquisa documental:** tipo de pesquisa na qual o pesquisador utiliza de documentos primários que não tiveram um tratamento analítico e que não possui ampla divulgação tais como, fotos, jornais, gravações, documentos institucionais, documentos legais (SEVERINO, 2007, p. 123);
- **pesquisa experimental:** define-se como pesquisa que possui o delineamento mais prestigiado no meio científico, pois o pesquisador é um agente ativo, tendo em vista

que seleciona e manipula o objeto de estudo para identificar as variáveis e as influências destas no mesmo (GIL, 2002, p. 48);

- **pesquisa operacional:** desenvolve métodos científicos e sistemas complexos para prever e comparar estratégias com o objetivo de dar suporte a determinadas ações no estudo. Geralmente está relacionada com modelos lógicos de gestão (CARDOSO, 2011, p. 12);
- **levantamento:** pesquisa que ocorre quando se quer conhecer algum tipo de comportamento de um grupo de pessoas, isola-se um grupo específico integrante de uma realidade geral para se obter informações no geral a partir das premissas das análises feitas no grupo isolado. Geralmente utiliza-se de algum tipo de questionário para se obter os dados necessários (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 58);
- **pesquisa de campo:** é aquela onde o objeto ou fonte é estudado em seu próprio ambiente, é feito nas condições em que os fenômenos ocorrem, sendo possível a observação direta, porém sem a intervenção do pesquisador (SEVERINO, 2007, p. 123);
- **estudo de caso:** consiste em estudar exaustiva e profundamente um, ou poucos objetos de forma que se consiga conhecimento amplo e detalhado sobre o mesmo. Geralmente tem foco em realidades específicas e visa solucionar problemas específicos (GIL, 2002, p. 54);
- **pesquisa ex-post-facto:** ocorre quando um experimento se realiza depois de fatos, estuda-se o fenômeno já ocorrido e tenta-se explicá-lo e entendê-lo é muito utilizada nas ciências sociais, pois permite a investigação de determinantes econômicos e sociais do comportamento da sociedade de forma geral (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 65);
- **pesquisa-ação:** é aquela que compreende e intervém na situação da pesquisa com objetivo de modificá-la, ao mesmo tempo que analisa propõe mudanças que aprimorem as práticas analisadas (SEVERINO, 2007, p. 67);
- **pesquisa-participante:** desenvolve-se a partir da colaboração entre pesquisadores e membros das situações investigadas. Visa entender determinado comportamento de um grupo específico, mas conta com a colaboração do mesmo para a realização do estudo (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 65).

É importante ressaltar que existem vários tipos de pesquisas a serem escolhidas levando em consideração o teor do trabalho que está sendo desenvolvido e tendo em vista os critérios do problema a ser solucionado.

Posteriormente, as classificações da pesquisa chegam-se as suas etapas de realização, como elaborar uma pesquisa e quais etapas devem seguidas.

Pode-se dizer que a fase inicial de uma pesquisa científica é responder os “três porquês” que segundo Barros e Lehfeld (1986 apud MINAYO, 2002, p. 36) equivalem a:

- o que pesquisar? (diz respeito à definição do problema, hipótese, base teórica e conceitual);
- por que pesquisar? (justificativa a escolha do tema);
- para que pesquisar? (proposito do estudo e seus objetivos).

Depois de respondido tais questões essências a construção da pesquisa, dar-se seguimento às próximas fases, que correspondem a escolha do tema, levantamento de dados, formulação do problema, definição dos termos, construção de hipóteses, indicação de variáveis, delimitação da pesquisa, amostragem, seleção de métodos e técnicas, organização do instrumental de pesquisa, teste de instrumentos e procedimentos (Marconi; Lakatos, 2003, p. 155).

Serão demonstradas no trabalho as fases das pesquisas já citadas anteriormente, de acordo com as ordens apresentadas por Marconi e Lakatos (2003) que as definem da seguinte forma:

- **escolha do tema:** é a representação do assunto ao qual deseja-se estudar e pesquisar, o tema deve ser a representação precisa do objeto do estudo e mostrar de antemão o que a pesquisa em questão pretende explorar, por isso, tem de ser frequentemente revisado, pois defini-lo pode ser um trabalho a perdurar em toda a pesquisa (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 158).
- **levantamento de dados:** fase na qual o pesquisador traçará a melhor forma de pesquisa e escolherá um método e uma fonte para extrair os dados, seja ela fonte primária, ou secundária com o objetivo de recolher as informações inerentes ao desenvolvimento da pesquisa que o auxiliarão durante as fases traçadas para o estudo (SEVERINO, 2007, p. 133).
- **formulação do problema:** o problema é uma dificuldade ou déficit no conhecimento de algo que seja de real importância para sociedade, para qual deve ser encontrada e proposta uma solução. O problema deve ser formulado em forma de pergunta, e tem

que ser claro, preciso e bem delimitado para evitar equívocos e redundâncias. (MINAYO, 2002, p. 39).

- **definição dos termos:** parte do estudo onde o pesquisador selecionará ou criará os termos, conceitos e ideias, que utilizará para fundamentar o seu trabalho. É importante explicita-los da melhor forma possível, tendo em vista são representações da realidade e precisam ser entendidas pelos futuros utilizadores da pesquisa (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 160).
- **construções de hipóteses:** são preposições especulativas, elas visam traçar suspeitas explicativas sobre o fenômeno analisado, objetivando e criando uma possível solução aos problemas levantados pela pesquisa (DEMO, 1985, p. 115).
- **indicação de variáveis:** fase da pesquisa onde deve-se informar as variantes que podem interferir nas soluções propostas pelas hipóteses (GIL, 2002, p. 94).
- **delimitação da pesquisa:** etapa onde o autor deve restringir seu objeto de estudo do geral para o específico, de acordo com os interesses da pesquisa que está sendo desenvolvida para chegar a resultados mais precisos (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 77).
- **amostragem:** é uma parcela selecionada do universo da pesquisa, nas pesquisas sociais geralmente esse universo se refere a população analisada. Nessa fase cabe ao pesquisador selecionar as técnicas para recolher a amostra de um determinado grupo, para então trazer mais precisão no processo de análise dos dados do estudo (GIL, 2002, p. 123).
- **seleção de métodos e técnicas:** processo de tomada de decisão, onde caberá ao pesquisador seletar os métodos e técnicas científicas norteadoras do estudo. É uma etapa que pode ser elaborada desde as preposições do problema e formulação das hipóteses, sendo esses processos metodológicos e técnicos escolhidos de acordo com o problema e tipo de pesquisa (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 163).
- **organização do instrumental de pesquisa:** etapa do trabalho onde o pesquisador deve organizar todo o material coletado para facilitar na recuperação das informações necessárias ao estudo e para auxiliá-lo na futura estruturação da pesquisa (GIL, 2002, p. 83).
- **teste de instrumentos e procedimentos:** consiste (se necessário) na realização de pré-testes com as populações nas quais a pesquisa está sendo realizada, para analisar a

confiabilidade dos métodos e matérias recolhidos com o objetivo de evitar futuros erros (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 164).

- **análise e interpretação dos dados:** é a parte mais extensa das etapas da pesquisa e tem como objetivo a análise de todo do material coletado com a finalidade de interpretá-los para proporcionar respostas a investigação feita (PRODANOV; FREITAS 2013, p. 115).
- **conclusões:** etapa onde demonstra-se os resultados finais do estudo, sendo uma síntese que comenta as ideias principais e os resultados mais relevantes da pesquisa, caso não se tenha conseguido chegar a solução de um determinado problema deve-se apontar o mesmo afim de que venha ser resolvido no futuro pelo próprio autor, ou por outros pesquisadores.

Após o entendimento de como são classificadas as pesquisas e de seus percursos, chega-se ao por que de pesquisar e qual a finalidade da pesquisa.

Seguindo esse raciocínio afirma Gil (2002, p. 18) sobre o porquê de se realizar uma pesquisa:

há muitas razões que determinam a realização de uma pesquisa. Podem, no entanto, ser classificadas em dois grandes grupos: razões de ordem intelectual e razões de ordem prática. As primeiras decorrem do desejo de conhecer pela própria satisfação de conhecer. As últimas decorrem do desejo de conhecer com vistas a fazer algo de maneira mais eficiente ou eficaz.

Como observa-se existem duas grandes razões de ordem que levam um indivíduo a realização de uma pesquisa, a vontade de conhecer por deleite próprio, e a necessidade de conhecer para desenvolver algo com maestria. Entretanto, das duas premissas quem mais se enquadra com o conceito de pesquisa científica é a segunda razão, pois em sua maioria estas são desenvolvidas com a finalidade de investigar um fenômeno, seja ele de caráter social, biológico ou natural.

Ainda relacionado ao propósito da pesquisa que possui cunho científico, discorre Demo (1985, p. 23):

pesquisa é a atividade científica pela qual descobrimos a realidade. Partimos do pressuposto de que a realidade não se desvenda na superfície. Não é o que aparenta à primeira vista. Ademais, nossos esquemas explicativos nunca esgotam a realidade, porque esta é mais exuberante que aqueles.

Afirma-se então, que a pesquisa científica procura conhecer e interpretar determinados aspectos da realidade de acordo com o interesse da investigação a qual se propõem realizar.

De acordo com Carvalho (2008, p. 190) há necessidade de maior investimento nas pesquisas científicas, tanto no âmbito internacional, como principalmente no nacional, pois elas tem importância essencial no processo de desenvolvimento da sociedade, levando em consideração que criam novas tecnologias produzindo assim um maior conforto social e aperfeiçoamento dos conhecimentos e técnicas existentes.

Portanto, a realização de pesquisas científicas é necessária, já que as mesmas desempenham um importante papel, que é fazer ciência e desenvolver conhecimentos científicos, alargar tais conhecimentos é essencial para o ser humano decifrar cada vez mais os aspectos que cercam sua realidade, e com isso influenciar para uma possível melhora de tais aspectos.

2.3 A pesquisa em Ciência da Informação

Para entender o processo da pesquisa no âmbito da CI é necessário compreender um pouco de sua natureza e de suas origens, por isso, antes de abordar tal questão, o tópico demonstrará os conceitos existentes de Ciência da Informação, assim como seu histórico.

Ciência da informação pode ser compreendida como o estudo da informação, baseado em critérios princípios e métodos científicos (ROBREDO, 2003, p. 105).

Para Le Coadic (2004, p. 25) entende-se Ciência da Informação como:

uma ciência social rigorosa que se apoia em uma tecnologia também rigorosa. Tem por objeto o estudo das propriedades gerais da informação (natureza, gênese, efeitos), ou seja, mais precisamente: a análise dos processos de construção, comunicação e uso da informação; a concepção dos produtos e sistemas que permitem sua construção, comunicação, armazenamento e uso.

O pensamento de Le Coadic sobre a Ciência da Informação é de que por mais que suas bases teóricas ainda estejam se formando, ela utiliza de tecnologias para fundamentar suas práticas no âmbito da ciência e compreender a natureza e os processos de construções que são intrínsecos à informação.

Portanto, a Ciência da Informação se configura como um campo que se preocupa com os princípios e práticas que envolvem a informação, como sua criação, organização, distribuição e seu fluxo até a etapa de sua utilização (BARRETO; SMIT, 2002, p. 17).

A Ciência da Informação é conhecida como uma das ciências novas que emergem pós-segunda guerra mundial a partir de necessidades informacionais específicas, devido o fenômeno denominado de “explosão da informação”. Um de seus mais conhecidos

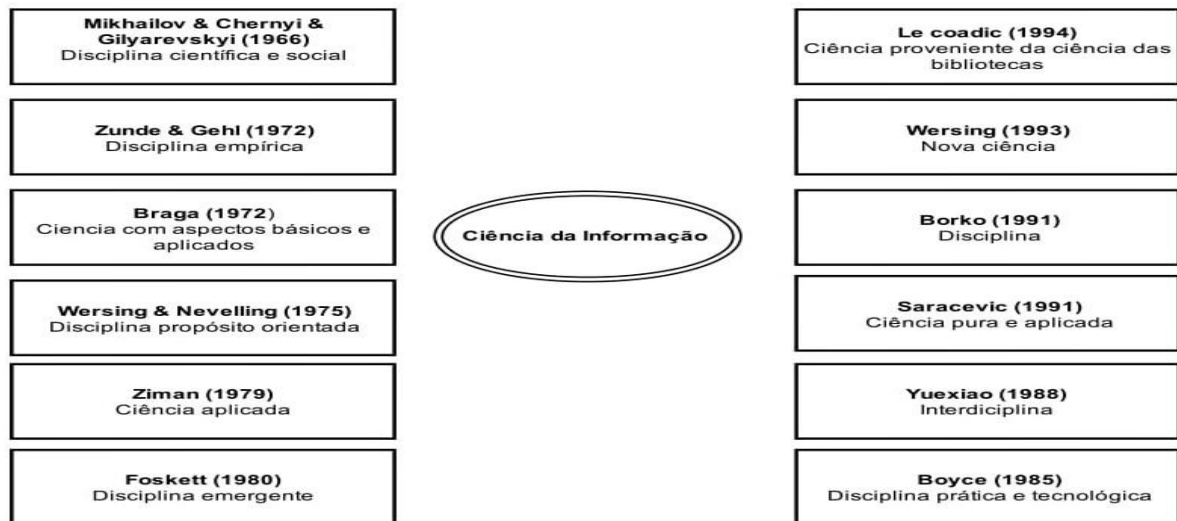
precursores segundo Saracevic (1996, p. 42) foi o americano Bush que identificou a problemática do acúmulo de informações, que cresciam de maneira infrene. O método proposto pelo americano para combater o fenômeno informacional mencionado acima, foi o de utilizar de tecnologias da informação para tentar organizar e disponibilizar a informação a muito acumulada e desorganizada.

Após o término da Segunda Guerra todas as informações que antes eram confidenciais agora iriam estar disponíveis para a sociedade e Bush foi incumbido pelo presidente Roosevelt a liderar o Comitê Nacional de pesquisas do período de 1938 a 1942. A importância das ideias desenvolvidas por Bush provocaram tanto impacto que resultaram na realização de duas conferências para tratar a problemática da informação científica, a “Royal Empire Society Scientific Conference” e a “Royal Society Scientific Information Conference”, a última das duas conferências, resultou no interesse investigativo de 340 cientistas de quase todas as áreas do conhecimento participantes da conferência. A conferência durou dez dias úteis e seus integrantes desenvolveram propostas para resolver a problemática de organização e acesso a informação, os anais do evento demoraram dez anos para serem concluídos e foram editados nos Estados Unidos. Muitos desses cientistas vieram para trabalhar com o assunto e para não perderem o status acadêmico, criando então a nova área denominada de Ciência da informação (BARRETO; SMIT, 2002, p. 21).

Entende-se a Ciência da informação como uma ciência pós-guerra e observa-se que seu contexto de criação está intrinsecamente relacionado com a questão da recuperação das informações produzidas no cenário da Segunda Guerra Mundial, ou seja, sua criação se deu por haver uma necessidade informacional e científica no processo de construção do conhecimento e ao mesmo tempo pela carência de meios que disseminassem esses saberes produzidos. Baseando-se nisso, entende-se que a CI desde o seu processo de criação até os dias de hoje tem caráter indiscutivelmente interdisciplinar, pois foi composta e toma por base várias áreas do conhecimento científico para embasar seus estudos e criar novas técnicas com o objetivo de entender e disseminar o seu objeto de investigação a informação.

A partir de seu surgimento, e como qualquer outra ciência, houve a necessidade da criação de conceitos para melhor compreensão de sua natureza e de seu propósito. Alguns dos conceitos utilizados e aceitos já foram citados anteriormente, todavia para exemplificar melhor as ideias existentes de CI utiliza-se a seguir um esquema proposto por Guimarães e Silva (1999, p. 79) onde a autora identifica olhares diferenciados de pensadores que refletiram sobre o caráter desse ramo da ciência.

Esquema 1 - Percepções diversas sobre CI



Fonte: Adaptado de Guimarães e Silva (1999).

Percebe-se que existem diversidades de olhares sobre a essência da CI, pois como pode-se concluir com base na análise do que já fora mostrado, não existe um consenso sobre o conceito desta ciência. É uma questão compreensível, tendo em vista que seu próprio objeto de estudo “a informação”, não tem um conceito universalmente compartilhado pelas ciências (BARRETO; SMIT, 2002, p. 10).

Apesar dos conflitos existentes sobre as definições de CI e informação, com relação à pesquisa realizada nessa área, afirma Barreto e Smit (2002, p. 11):

a pesquisa em ciência da informação existe e muitos entendem a sua importância em um mundo mais independente, no qual a informação vincula o homem a sua aventura individual e sintoniza a sua consciência a uma ambiência de convivência dentro das condições globais de comunicação e da economia na sociedade.

As pesquisas em Ciência da Informação como já explicitado, são essencialmente desenvolvidas e focadas na investigação dos fenômenos informacionais, no entanto, como a mesma é uma ciência interdisciplinar, é natural que as pesquisas por ela realizadas sejam situadas em áreas variadas das ciências. Le coadic (2004, p. 23) lista as áreas de estudo mais utilizadas pela CI no desenvolvimento de suas pesquisas, sendo elas:

- **psicológicos:** comportamentos de comunicação, processos heurísticos, representações do conhecimentos, etc;
- **sociológicos:** sociologia das ciências, comunidades científicas, produtividade científica, mérito, etc..;
- **informáticos:** bases de dados, recuperação, sistemas especialistas, programas para hipertexto, etc..;

- **matemáticos:** lógicos, estatísticos (algoritmos, distribuições não gaussianas, lógicas booleana e difusa [*fuzzy logic*], processos markovianos, etc.;
- **econômicos:** jurídicos e políticos comercialização da informação, direito das criações imateriais, indústrias da informação, sociedade da informação, etc.;
- **eletrônicos:** telecomunicações redes, correio eletrônico, videotexto, etc.;
- **filosóficos:** epistemológicos, históricos, críticos.

Como visto, as pesquisas realizadas em Ciência da Informação possuem atributo interdisciplinar, pois seu objeto de estudo é um fenômeno influente em todos os aspectos sociais, tornando assim necessário a adaptação e utilização de outros ramos do conhecimento pela Ciência da Informação.

No que concerne a pesquisas em Ciência da informação, faz-se necessário citar ainda que de forma concisa, essa atividade no contexto brasileiro.

Segundo Fonseca (apud MIRANDA, 2003, p. 86) o início da pesquisa em CI no Brasil se dá de forma mais abrangente através da Biblioteconomia e existem três influenciadores responsáveis na evolução dessa área:

- a) A influência francesa no período de 1879 a 1929, sob a égide da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro;
- b) Da inspiração norte-americana relativa ao período de 1929 a 1962, ressaltando a contribuição do instituto Makenzie de São Paulo;
- c) A implantação do currículo mínimo oficial aprovado pelo Conselho Federal de Educação.

No que diz respeito a resistências relacionadas à implantação da Ciência da Informação no Brasil, não houve empecilho, por não se ter uma tradição bibliotecária, ou conhecimento aprofundado sobre o que seria CI. As disciplinas técnicas baseadas no empirismo foram incorporados na Biblioteconomia até a sua definitiva incorporação das mesmas como parte integrantes das disciplinas dos cursos de graduação e pós-graduação (LEMOS apud MIRANDA, 2003, p. 87).

Apesar de nos primórdios a Biblioteconomia no Brasil ser fomentada no modelo tecnicista, essa realidade vem tentando ser mudada, pois os cursos de Biblioteconomia estão buscando através de reformas curriculares um perfil mais interdisciplinar para os futuros profissionais, tendo em vista que ocorreram fortes mudanças no perfil dos usuários devido à emergência de novas tecnologias, exigindo com isso uma mudança no perfil do profissional da informação.

No que diz respeito a pesquisa em CI propõem Capurro (apud MATHEUS, 2005, p. 140) “a pesquisa deve se ocorrer através de programas de pesquisa interdisciplinares, com abordagens filosóficas, teóricas e práticas, agregados em torno de temas, ou problemas”.

Compreende-se que a pesquisa em Ciência da Informação, tanto no âmbito geral, como no específico, deve ter como preocupação inicial o compartilhamento de conhecimentos que ajudarão a mudar a percepção da realidade de forma individual, ou coletiva, não desprezando as técnicas, mas entendendo-as como parte integrante de um processo maior, que é a disseminação do conhecimento por elas obtido.

3 A IMPORTÂNCIA DAS ABORDAGENS CONCEITUAIS E TEÓRICAS

É necessário entender a importância das abordagens teóricas e conceituais na constituição das investigações científicas, tendo em vista que esse tipo de abordagem é de extrema importância para o desenvolvimento científico, nessa linha Koche (2011, p.66) expõe a relevância do aspecto teórico na pesquisa “sempre há a cumplicidade de um fundo teórico que interfere na interpretação das manifestações dos fatos, transformando-as em evidências de algo”.

Não existe a possibilidade de um trabalho científico ignorar as abordagens conceituais e teóricas, deixando de se fundamentar em teorias e conhecimentos já concretizados sobre o assunto abordado pelo mesmo, tendo em vista que a ciência está relativamente evoluída e muito já foi criado nas mais diversas áreas do saber humano, ou seja, desprezar as teorias e conceitos seria o mesmo que começar do zero, ou refazer os saberes existentes, o que seria praticamente impossível (DIAS, 2009, p. 7).

Observa-se que apesar da ciência possuir uma visão cartesianista⁶, existe nela uma indispensável conexão entre o empírico e o teórico, de forma que essas duas vertentes são de extrema importância no fazer científico, desde as primeiras etapas de uma pesquisa até a sua possível conclusão, o pensamento reflexivo e o instrumental tecnológico sempre caminham lado a lado. Com relação a esse vínculo expõe Severino (2007, p. 100):

não basta seguir um método e aplicar técnicas para se completar o entendimento do procedimento geral da ciência. Esse procedimento precisa ainda referir-se a um fundamento epistemológico que sustenta e justifica a própria metodologia praticada. É sempre o enlace de uma malha teórica com dados empíricos, é sempre uma articulação do lógico com o real, do teórico com o empírico, do ideal com o real.

O pensamento mencionado explicita com clareza as relações existentes entre teoria e técnica, mostrando que ambas as vertentes são essenciais na construção do entendimento científico.

A respeito da finalidade e natureza dos conceitos na pesquisa, afirma Minayo (2002, p. 20) “as funções dos conceitos podem ser classificadas em cognitivas, pragmáticas e comunicativas. Eles servem para ordenar os objetos e os processos e fixar melhor o recorte do que deve ou não ser examinado e construído”.

⁶ O pensamento cartesiano tem como seu principal precursor o filósofo Descartes, esse paradigma prega a crença na legitimidade dos fatos que são perfeitamente conhecidos e sobre os quais não se têm dúvidas, devendo-se para isso dividir e estudar a menor parte, partindo destas para o entendimento do todo (BREBENS; OLIARI, p. 58).

Para Koche (2011, p. 58) a relação teórica de uma investigação científica é ainda mais importante, considerando que para ele a teoria é vista como o produto da investigação.

Portanto, entende-se que a teoria bem como os conceitos, são partes essenciais da atividade científica, pois toda nova teoria e conceito devem ser embasados em algum conhecimento anterior para legitimar a pesquisa.

3.1. Alguns entendimentos sobre Teoria

A teoria é uma das bases da ciência ocidental, tida como um conhecimento de caráter reflexivo e organizado sobre a realidade que fornece aporte a pesquisa científica. Segundo Tozoni-Reis (2017, p. 11) “a palavra teoria origina-se do verbo grego *theorein*, cujo significado é “ver”, ela tem a função de explicar parcialmente a realidade”. A relação entre ver e saber é uma das bases da ciência ocidental, tendo em vista que a ciência é fortemente influenciada pelo empirismo.

De acordo com Appolinário (2007, p. 183) “teorias são ordenamentos sistemáticos de ideias e proposições sobre os fenômenos em determinada área do conhecimento”.

Para Minayo (2002, p. 19) a teoria é “um conhecimento de que nos servimos no processo de investigação como um sistema organizado de proposições, que orientam a obtenção de dados e a análise dos mesmos, e de conceitos, que veiculam seu sentido”.

Pode-se definir teoria como um conjunto de enunciados, relacionados, sistematizados e ordenados que seguem uma lógica determinada (DEMO, 1985, p. 34).

Portanto, entende-se teoria como um conhecimento científico e sistêmico que expressa uma reflexão da realidade com o objetivo de compreendê-la mais profundamente.

A partir das definições de teorias já citadas, busca-se compreender qual sua utilidade para ciência? Com que propósito, ou por que motivo deve-se formular teorias?

Em resposta a tais questionamentos, utiliza-se da compreensão de Minayo (2002, p. 18) para entender o propósito das teorias nas pesquisas científicas:

- colaboram para a melhor compreensão do objeto da investigação;
- auxiliam no levantamento com maior propriedade das questões da pesquisa; tais como, os problemas e as hipóteses;
- permitem um maior esclarecimento na organização dos dados;
- servem como norteadoras na fase de análises dos dados obtidos.

Analisa-se que a teoria tem papel importante na ciência, pois produz reflexões lógicas sobre o problema abordado na pesquisa e sistematiza o conhecimento coletado para orientar

futuros estudos e para produzir novos conceitos. Entretanto, nem toda reflexão sistematizada e organizada se configura como teoria.

De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 115) para a teoria ser considerada científica ela deve ter as seguintes utilidades na pesquisa:

- deve orientar o objeto da ciência: a teoria deve servir como delimitadora auxiliando na restrição da amplitude dos fatos que irão se estudar.
- oferecer um sistema de conceitos: deve formular conceitos baseando-se em fatos intrinsecamente ligados a realidade estudada, para aumentar o vocabulário científico fazendo com que se tenha uma melhor compreensão futura do aspecto conceitualizado pela teoria.
- resumir o conhecimento: a teoria deve resumir em proposições lógicas o que já se sabe sobre o objeto de estudo.
- prever fatos: deve prever fatos que podem acontecer baseando-se em fatos que já são conhecidos
- indicar lacunas no conhecimento: por adquirir e agrupar os fatos e saberes conhecidos, a teoria pode indicar os fatos e relações que ainda não foram explicados de forma satisfatória e as áreas da realidade que demandam pesquisas.

Para Minayo (2002, p. 39) as teorias são sistemas organizados de proposições e essas proposições devem possuir três características: ser capazes de sugerir questões reais; ser inteligíveis; representar relações abstratas entre coisas, fato, fenômenos, ou processos.

Depois do entendimento sobre o objetivo e o caráter da teoria, é de suma importância ressaltar alguns equívocos relacionados a ela, assim como o que não é de sua natureza, e quais não devem ser suas pretensões na ciência. É importante ressaltar a existência de vários autores que abordam a questão do que seria ou não uma teoria científica, no entanto, optou-se por selecionar os autores citados anteriormente, pois os mesmos constroem reflexões condizentes com o objetivo da pesquisa, acerca dos aspectos teóricos presentes na ciência.

A respeito dos equívocos relacionados à teoria e do que não é de caráter da mesma, expõe Marconi e Lakatos (2003, p. 114):

- teoria não é especulação, mas um conjunto de princípios fundamentais, que se constituem em instrumento científico apropriado na procura e principalmente na explicação dos fatos;

- teoria e fato não são diametralmente opostos, mas inextrincavelmente inter-relacionados, consistindo em elementos de um mesmo objetivo - a procura da verdade -, sendo indispensáveis à abordagem científica;
- ambos, teoria e fato, são objetos de interesse dos cientistas: não existe teoria sem ser baseada em fatos; por sua vez, a compilação de fatos ao acaso, sem um princípio de classificação (teoria), não produziria a ciência - ter-se-ia um acúmulo de fatos não sistematizados, não relacionados, mas amorfos e dispersos, impossíveis de serem interligados e explicados;
- o avanço da ciência é uma inter-relação entre fatos e teoria.

A respeito do que não deve ser a pretensão da teoria na ciência dispõe Koche (2011, p. 18):

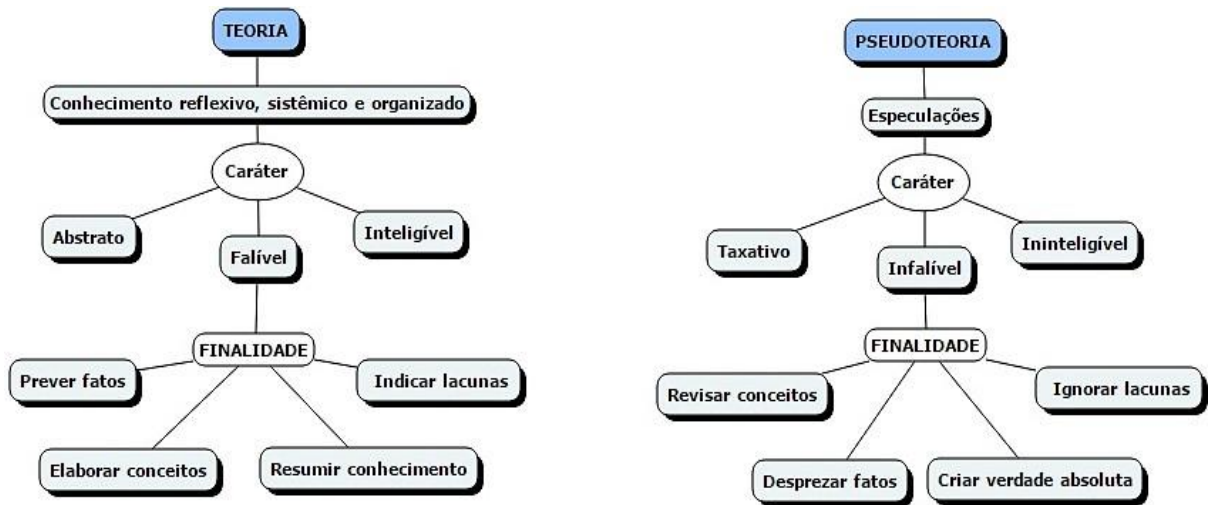
o progresso científico não se faz pelo acúmulo de teorias estabelecidas, mas pelo derrubamento de teorias rivais que competem entre si, isto é, há uma constante revolução na ciência, ocasionada pela polêmica em torno das teorias; a atitude científica não está em tentar comprovar teorias, mas em tentar localizar os erros de suas teorias utilizando procedimentos críticos.

Koche explicita o processo de transitoriedade da ciência quando demonstra que apesar de importantes, não se pode haver uma superestimação das teorias, levando em consideração de que nenhuma teoria é perfeita e por isso, pode ser superada.

Entende-se que a teoria é um conhecimento reflexivo e não meras especulações, e seu caráter é geralmente abstrato, pode cometer falhas e tem de ser inteligível, ou seja, deve-se compreender o que se está tentando dizer com a teoria. Então o seu caráter não pode ser taxativo e ela nunca pode ser vista como infalível e nem ininteligível. A finalidade da teoria é prever fatos, elaborar conceitos, resumir o conhecimento e indicar lacunas e não apenas revisar os conceitos existentes, ou desprezar os fatos e nem criar verdades absolutas e ignorar as lacunas.

Baseando-se nas definições de teorias citadas, apresenta-se um esquema dedutivo do que seria e do que não seria de natureza da teoria, tendo como embasamento todos os autores citados anteriormente:

Esquema 2 - Teoria e pseudoteoria



Fonte: Elaboração própria, 2016.

Portanto, entende-se que teorias não são simples jogos de palavras e devem ser formadas resgatando as dimensões históricas e ideológicas de acordo com o fundamento por elas proposto, pois cada ramificação teórica possui sua própria coleção de conceitos que tem de ser levados em consideração na construção de uma teoria.

3.2 Autores do paradigma compartilhado

“Considero “paradigmas” as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 2005, p. 13).

Entende-se aqui como paradigma, modelos, ou padrões científicos a serem seguidos pela confirmação de suas legitimidades e por sua ampla aceitação na ciência.

Kuhn (2005) utiliza desse termo para identificar não só teorias aceitas como paradigmas, mas também para apontar a existência de escolas científicas que se apropriam de modelos teóricos para embasar a construção de novos estudos. Esses paradigmas norteadores constituem o principal produto da “ciência normal”. Para Kuhn (2005, p. 67) “ciência normal” é o processo da apropriação de regras aceitas, utilizadas pelas comunidades científicas nas construções de suas pesquisas.

Como um exemplo de modelo teórico até então aceito mundialmente pela comunidade científica, pode-se citar a teoria da evolução das espécies de Charles Darwin, essa teoria surgiu com uma inquietação deste pesquisador sobre a questão da evolução dos seres vivos, ela defende a ideia de que as espécies são parte de um processo evolutivo no qual o espécime

mais evoluído sobrevive e se sobrepõem aquelas que não conseguiram evoluir (UNIVERSIDADE DO PORTO, 2009, p. 5). Para exemplificação da teoria evolucionista apresenta-se a imagem da mesma:

Imagem 1 - Teoria evolucionista



Fonte: Alcoforado (2017, não paginado).

Logo após ser publicada no ano de 1859 a teoria de Darwin foi aceita mundialmente pela sociedade científica, e, por conseguinte difundida como verdade, passando a tomar o lugar do pensamento criacionista nas instituições de educação do mundo (ALCOFORADO, 2016, não paginado).

Percebe-se que a teoria evolucionista partiu de princípios científicos e se enquadra perfeitamente nas definições de teoria citadas anteriormente, pois surgiu da problematização de um aspecto da realidade, baseou-se em estudos anteriores e possui lacunas a serem explicadas (BRUM, 2014, p. 4).

Portanto, fundamentando nas afirmações anteriores, pode-se dizer que a teoria evolucionista é um modelo de paradigma aceito pela comunidade científica, pois segue os critérios e conceitos de definição de teoria existente no âmbito da ciência.

De acordo com Kuhn (2005, p. 30) quando estudiosos compartilham de um mesmo paradigma teórico, este paradigma é denominado de “paradigma compartilhado”, pois suas pesquisas estão fundamentadas em um modelo comum e isso contribui para a gênese e a continuação de pesquisa determinada, ou direcionada.

A vista disso, seguindo as reflexões propostas por Kuhn (2005), tem-se por “autores do paradigma compartilhado” todos aqueles estudiosos que não formularam teoria, segundo os conceitos expostos pelo estudo, mas que desenvolveram suas pesquisas a partir de teorias já concretizadas, aceitas e reproduzidas como paradigma por determinado ramo da ciência.

Ressalta-se que apesar de tais autores não terem desenvolvido teoria, não se deve cometer o equívoco de inferiorizá-los, pois suas pesquisas tem grande relevância para o

avanço científico. Nessa linha de orientação, Kuhn (2005, p. 157) dispõe a respeito desses autores que o mesmo chama de “interpretes”:

nenhuma dessas observações pretende indicar que os cientistas não se caracterizam por interpretar observações e dados. Pelo contrário: Galileu interpretou as observações sobre o pêndulo. Aristóteles a sobre as pedras que caem, Musschenbroek aquelas relativas a uma garrafa eletricamente carregada e Franklin as sobre um condensador. Mas cada uma dessas interpretações pressupôs um paradigma.

Assim sendo, entende-se que muitos estudos criados por esses pesquisadores são de extrema importância para o progresso científico. Como exemplo dessa relevância pode-se citar os autores que abordam as questões instrumentais da ciência, como os de metodologia científica e os cientistas que desenvolvem tecnologias dentro de alguma ramificação das ciências existentes.

3.3 Autores do novo paradigma

Para Kuhn (2005, p. 39) “o novo paradigma implica uma definição nova mais rígida do campo de estudos”.

Observa-se a partir do pensamento exposto acima, que um novo paradigma configura-se como uma abordagem mais elaborada e diferenciada de um problema. Tal afirmação leva a reflexão do por que de buscar a criação de uma nova teoria para resolver os problemas científicos existentes? De acordo com Kuhn (2005, p. 145) existem dois principais fatores para a emergência de uma nova teoria, são eles:

- as lacunas deixadas pelas teorias anteriores;
- a ineficiência das teorias existentes diante de novos problemas emergentes.

Apesar de importantes, não basta apenas que uma nova teoria emergja, ainda que siga todos os critérios científicos exigidos pela ciência, é preciso também que seja aceita como verdade por outros cientistas. Kuhn (2005, p. 38) disserta a respeito, quando afirma que para uma teoria ser aceita pela comunidade científica ela deve parecer melhor que sua competidora, mas não necessariamente precisa explicar todos os fatos com os quais é confrontada.

Ainda utilizando como exemplo a teoria da evolução de Darwin, porém abordando-a de forma diferente, para exemplificar o processo de troca de paradigma, pode-se afirmar que a mesma é um paradigma relativamente novo se comparado com a teoria de uso e desuso

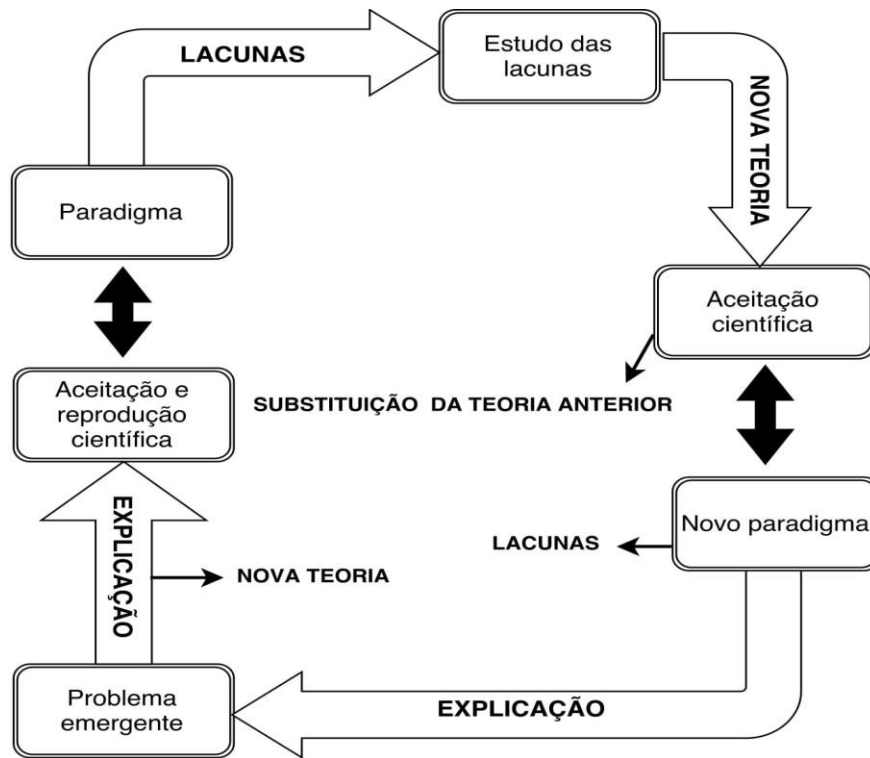
desenvolvida por Lamarck em 1809. Essa teoria defendia a ideia de que um órgão podia ser modificado pelo seu uso, ou desuso e passado para gerações posteriores de uma mesma espécie. Apesar da teoria de Lamarck ter sido pioneira no estudo de evolução das espécies e perdurado por muito tempo, após sua refutação feita pelo cientista Weissman no período de 1868 a 1876 ela perdeu sua força e logo depois houve a difusão e aceitação da teoria de Darwin, ocorrendo assim uma substituição de paradigmas (BRUM, 2014, p. 4).

Observa-se, tomando por base o exemplo da teoria da evolução, que novos paradigmas surgem pela necessidade de melhor exemplificação de um problema com a finalidade de resolvê-los, mas sem conseguir preencher todas as lacunas, pois como já fora mostrado nenhuma teoria pode ser tida como uma verdade absoluta, tendo em vista que preenchem as lacunas das teorias anteriores, mas as teorias que se sobrepõem as antigas sempre apresentam novas lacunas que serão o objeto de investigação de outros estudiosos, ou seja, todo novo paradigma abre espaço para a criação de um possível paradigma posterior.

Portanto, pode-se dizer tomando como base os pensamentos expostos no trabalho que a criação de um paradigma científico se inicia por meio da necessidade de explicação de um problema emergente, esse problema fará com que os cientistas desenvolvam uma teoria para explica-lo, se a mesma tiver aceitação e for reproduzida pelas comunidades científicas se tornará um paradigma. Entretanto todo paradigma possui lacunas, o estudo dessas lacunas criará novas teorias e essas se forem aceitas substituirão o paradigma anterior, todavia ainda que mais bem elaborado o novo paradigma deixará também lacunas a serem explicadas e esse paradigma assim como o anterior tem o objetivo de explicar um problema emergente o que acaba se tornando um ciclo paradigmático da ciência.

Segue o esquema 3 baseado nas reflexões anteriores para exemplificação e sintetização da mudança de paradigma ocorrida na ciência:

Esquema 3 - Ciclo paradigmático



Fonte: Elaboração própria (2017).

Portanto, observa-se que a ciência segundo Kuhn (2005, p. 13) é constituída de paradigmas e da superação deles, que chamam-se “novos paradigmas”, a vista disso, tem-se por “autores do novo paradigma”⁷ os estudiosos que elaboram teorias aceitas e reproduzidas por determinada comunidade científica. A vista disso, esses pesquisadores desenvolvedores de teoria são tidos como teóricos. Essa definição pode também ser embasada em Demo (1985, p. 63) quando faz alusão aos teóricos como autores que desenvolvem teorias. Outros autores que fundamentem essa definição são Japiassú e Marcondes (2001, p. 183) onde expõe que a palavra teórico é relativa à teoria, ou o que possui ligação com teoria. Entende-se com base nos pensamento anteriores que de forma ontológica no que diz respeito a palavra “teórico” é aquele que está relacionado de alguma forma com teoria, ou o que desenvolve teorias.

Acerca dessas relações teóricas que envolvem os autores e o processo científico Demo (1985, p. 24) dispõe sobre quais não são as características de um teórico, são elas:

- não é teórico o autor que apenas acumula erudição teórica;
- não é o que leu muito e sabe citar;

⁷ A classificação intitulada “Autores do novo paradigma” foi escolhida para referir-se a teórico baseando-se nas reflexões feitas por Thomas Kuhn em seu livro a “estrutura das revoluções científicas” e também para que o estudo seguisse uma ordem lógica.

- o que só repete teorias alheias.

Para Demo (1985, p. 24):

o teórico deve dialogar com os outros teóricos, atuais ou clássicos, não como mero aprendiz ou discípulo, mas como alguém que também constrói teoria, tem suas posições teóricas firmadas, enfrenta polêmicas próprias, marca a história da disciplina com contribuições originais.

Portanto conclui-se que o autor intitulado como teórico deve ter as seguintes qualidades:

- ter visão crítica da produção científica;
- possuir personalidade teórica própria;
- dialogar com outros teóricos.

Com base nisso, entende-se que apesar de necessária, nem todos os autores possuem contribuições únicas no que diz respeito à ciência, portanto, não se configuram como teóricos, visto que teóricos são autores desenvolvedores de teorias pioneiras e paradigmáticas que marcam, ou marcaram a história de uma determinada disciplina com suas contribuições.

Salienta-se que o estudo não tem pretensão de dizer que devem ser utilizados apenas teóricos no desenvolvimento de uma pesquisa científica e desprezar todos os autores que não se configuram como tais, mas sim que especificamente no que concerne ao desenvolvimento do marco teórico da pesquisa é aconselhável a utilização de ao menos uma corrente teórica para fundamentar o trabalho.

3.4 Percepções sobre o conceito de marco teórico

O referencial teórico é à base de um trabalho científico, pois é através dele que se identifica o tema e levantam as hipóteses, é visto como um levantamento bibliográfico que dará subsídio ao estudo (DIAS, 2009, p. 26).

Como visto, marco teórico ou referencial teórico é de suma importância para o desenvolvimento de uma pesquisa científica, pois dá embasamento ao que está sendo escrito e abordado no desenvolvimento do estudo. Importante salientar que o marco teórico possui nomes diversificados. Entretanto, para o desenvolvimento do estudo optou-se por utilizar o termo “marco teórico”, pois de acordo com os livros consultados na realização da pesquisa, observou-se que é um dos termos mais empregados e utilizados por autores de metodologia científica como Koche (2011) e Appolinário (2007).

O marco teórico pode ser chamado de marco referencial, referencial teórico, quadro teórico, quadro conceitual, estado da arte e revisão bibliográfica, porém são denominações sinônimas com o propósito de fundamentar o estudo (SANTOS, 2017, p. 1). No entanto, existem dois termos também sinônimos, “revisão de literatura” e “levantamento bibliográfico” que de acordo com Sampieri, Collado e Lucio (1991, p. 21) antecedem a escolha do marco teórico e servem para levantar todo o assunto relacionado ao tema da pesquisa com o objetivo de selecionar dentre os materiais levantados o marco teórico que servirá de referencia.

Um erro grave que pode ser cometido pelo pesquisador iniciante, ou estudante quando não possui atenção adequada, é o de confundir o marco teórico e seus sinônimos com as referencias bibliográficas. Essa ação constitui um grande equívoco, tendo em vista que as referencias bibliográficas são uma relação em forma de lista dos documentos citados e utilizados no corpo do trabalho (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2002, p. 1), enquanto o marco teórico é a demonstração das teorias que serviram de base no processo de desenvolvimento do estudo (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 159).

Como visto, o referencial teórico é essencial para a produção de trabalhos científicos, pois ele utiliza de teorias para orientar todo o processo do estudo (KOCHE, 2011, p. 148).

É importante demonstrar e se fundamentar em autores que já abordaram e desenvolveram estudos e teorias sobre o tema que está sendo desenvolvido, pois a utilização desses autores dá credibilidade à pesquisa e ajuda a entender o tema que está sendo desenvolvido pelo pesquisador. Para Koche (2011, p. 119), toda hipótese levantada em um trabalho científico deve ser fundamentada e apoiada por um marco teórico.

O marco teórico consiste então em:

sustentar teoricamente o estudo, etapa que alguns autores chamam de elaborar o marco teórico. Trata-se de analisar e apresentar às teorias, os enfoques teóricos, a investigação e o fundo geral que se consideravam válidos para o correto enquadramento ao estudo (ROJAS, 1981 apud SAMPIERI; COLLADO; LUCIO 1991, p. 1, tradução nossa).

Entende-se o marco teórico como a descrição dos elementos teóricos criados por diferentes autores que permitem ao investigador a fundamentação dos seus processos de investigação (RIVERA-GARCÍA, 2017, p. 4). Com base nisso, observa-se que o marco teórico também não se configura como um levantamento bibliográfico, pois é um levantamento e exposição de teorias desenvolvidas por teóricos, enquanto o levantamento bibliográfico segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 80) “é um apanhado geral sobre os principais documentos e trabalhos realizados a respeito do tema escolhido, abordados

anteriormente por outros pesquisadores para a obtenção de dados para a pesquisa”. Ou seja, o levantamento bibliográfico não necessariamente se encarrega de expor teorias, mas sim de obter bibliografias gerais relacionadas ao assunto pesquisado, que podem, ou não, serem teorias.

Portanto, compreende-se que o marco teórico está intrinsecamente relacionado a pesquisa científica, pois fornece subsídios teóricos norteadores para embasar e auxiliar em todos os processos do estudo.

4 O CERNE DO MARCO TEÓRICO

Para Ruth et al. (2005, p. 45, tradução nossa) o marco teórico define-se:

o que chamamos de quadro teórico de uma investigação é realmente um argumentos nos quais paradigmas estão entrelaçados (idéias sobre o conhecimento em si e como os produzir de forma válida), as teorias gerais (conceitos gerais da sociedade), e as teorias substantivas (conceitos e ideias relacionadas ao tema específico da investigação)

Como visto no pensamento acima e nas ideias discorridas nos capítulos anteriores do estudo, o marco teórico é uma fase basilar da pesquisa científica, pois demonstra as teorias e teóricos que serviram de fundamento e de norteadores em todas as etapas da pesquisa. Portanto vê-se o marco teórico como uma das bases da pesquisa científica e não como uma simples relação de autores inserida no estudo. Com base nesse pensamento e a respeito do caráter do marco teórico afirma Pescuma e Castilho (2008, p. 27 apud PEREIRA; OTRE, 2014, p. 12):

é o quadro conceitual a ser utilizado pelo pesquisador para fundamentar seu trabalho, e não uma simples relação de obras que tratam do tema. É um estudo que evidencia diversas posições sobre o assunto, ainda que conflitantes, apresentando os contextos históricos e atual no qual se inserem.

Nota-se que o marco teórico não é simplesmente uma lista de autores utilizados no trabalho, mas sim a demonstração da base teórica na qual o trabalho está fundamentado, pois se o processo do fazer científico é baseado na reflexão e na ação, não apenas em analisar dados e fenômenos de forma instrumental, faz-se então necessário a reflexão teórica para fundamentar, e compreender os problemas e questões relacionados ao ambiente de estudo.

Olhando de forma ontológica⁸ para o termo “marco teórico” pode-se deduzir que um de seus significados é a demarcação teórica de algo, ou o ponto teórico de referencia escolhido para abordar determinada questão.

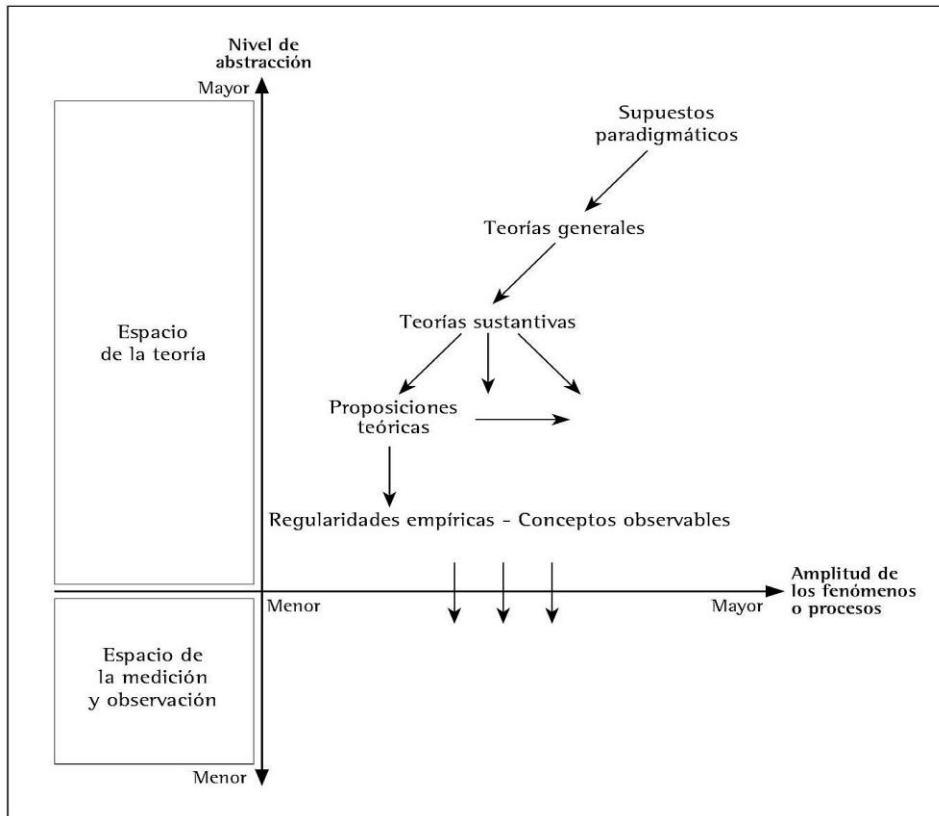
Para Rivera-García (2017, p. 15) na construção do marco teórico é essencial à escolha de uma teoria bem desenvolvida que se aplique ao problema da investigação. A escolha de um paradigma teórico norteador da pesquisa está intrinsecamente relacionado a todas as etapas da mesma e auxilia na compreensão do espaço observado para haver uma melhor análise dos fenômenos do estudo. A partir da escolha deste paradigma, ao decorrer da pesquisa e de acordo com a necessidade do pesquisador, deve-se utilizar de sua orientação para identificar

⁸ A palavra ontologia vem da Filosofia e significa o estudo da natureza do ser. Entretanto, no trabalho é utilizada através da visão da linguística, que a vê como o estudo dos símbolos (ou palavras) das suas referencias aos seus significados. Podendo resumir-se ao estudo das palavras e seus significados (FRANÇA, 2009, p. 108).

uma teoria mais específica e enquadra-la ao trabalho para a solução de problemas mais particulares (RUTH et al. 2005, p. 33).

A partir do pensamento exposto, demonstra-se a seguir uma imagem dos níveis de abstrações do marco teórico na pesquisa:

Esquema 4 - Níveis de abstração do marco teórico



Fonte: Ruth et al. (2005).

Para Ruth et al. (2005, p. 36) existem níveis de abstração do marco teórico, principalmente dentro das investigações sociais, níveis esses que devem ser escolhidos de acordo com o objeto de estudo e levando em consideração a abrangência do problema de cada pesquisa. Diante disso, entende-se que o marco teórico não se constrói baseando-se apenas em ideias de autores condizentes com a pesquisa, mas sim utilizando teorias bem constituídas para fundamentar a pesquisa e auxiliar na reflexão sobre o problema abordado.

Castilho (2011, p. 18) demonstra que na construção do marco teórico, não se deve utilizar qualquer autor, mas teóricos desenvolvedores de teorias, selecionando e aplicando as reflexões desses pensadores a partir da interpretação do objeto de estudo. Com isso pode-se ver a teoria como estabelecadora de limites em todas as etapas da investigação (RUTH et al., 2005, p. 136).

Assim sendo, o marco teórico é determinado pelas particularidades e necessidades da pesquisa. Constitui-se na apresentação do postulado segundo a visão de autores e investigadores que são referenciados no problema investigado e permite uma visão completa das bases teóricas, sobre as quais o conhecimento científico fundamenta-se, proposto nas fases de elaboração, descrição e explicação. Portanto o marco teórico é um fator determinante na investigação, pois todas suas fases são orientadas por ele (RIVERA-GARCÍA, 2017, p. 5).

Visto a importância do marco teórico no processo de investigação, é necessário compreender a sua utilidade na pesquisa científica, para Sampieri, Collado e Lucio (1991, p. 21) o marco teórico possui seis funções principais:

- ajuda a prevenir erros que são comuns a todos os estudos;
- orienta sobre como foi realizado o estudo;
- amplia o horizonte do estudo e guia o investigador a centrar-se em seus problemas evitando desvios do planejamento inicial;
- leva ao estabelecimento de hipóteses e afirmações que mais tarde devem ser testadas na realidade;
- inspira novas linhas e áreas de investigação;
- fornece uma estrutura para interpretação dos resultados do estudo.

Como visto, o marco teórico é de suma importância, pois utiliza de teorias para fundamentar e trazer confiabilidade a pesquisa, não sendo apenas uma lista ou levantamento de quaisquer autores, ou bibliografias relacionadas ao tema do estudo, mas sim a demonstração da escolha dos aportes teóricos que nortearão o trabalho, trazendo com isso respaldo e confiabilidade a pesquisa desenvolvida.

4.1 A construção do trabalho acadêmico e o marco teórico

A construção do marco teórico é uma das fases principais da pesquisa científica, alguns autores veem essa etapa como inicial no processo de investigação. Para Castilho (2011, p. 18) ela é vista como ponto inicial da pesquisa, pois ajuda na formulação dos problemas de investigação e todas as fases do projeto de pesquisa são definidas através de um bom marco teórico. Ressalta-se ainda que caso o marco teórico mude durante o desenvolvimento do trabalho, todos os demais elementos do estudo também deverão ser alterados, tais como: problema, hipótese, objetivo geral e específico. Ruth et al. (2005, p. 45) afirma que o marco teórico constitui a primeira etapa do processo de investigação, o caráter de “ponto de partida” do marco teórico se dá pelo fato deste ser inerente a construção do problema de pesquisa, pois

é após a análise dos subsídios teóricos e dos problemas já existentes relacionados ao tema do estudo desenvolvido é que serão construídos tanto o problema quanto as hipóteses da investigação.

Segundo Demo (1985, p. 51): um marco teórico abrangente e diversificado tem a capacidade de fazer o pesquisador imaginar hipóteses alternativas para um mesmo problema. Importante salientar que o processo de produção do marco teórico da pesquisa não se faz apenas pelo levantamento e escolha de teorias condizentes ao estudo, mas também em produzir conhecimentos provenientes destas reflexões (BRITO, 2009, p. 35).

Com isso, compreende-se a importância da construção de um bom marco teórico na pesquisa científica e vê-se a necessidade de reinterpretar as reflexões dos autores do novo paradigma para elaborar conhecimentos visando a fundamentação da investigação.

Depois de compreender a utilidade do marco teórico no processo de investigação é necessária a demonstração de como construí-lo e como aplicá-lo a pesquisa científica. Frisa-se que existem opiniões divergentes entre os autores sobre a estruturação do marco teórico no trabalho científico, todavia optou-se por seguir a linha de pensamento dos autores citados a seguir.

De acordo com Rivera-García (2017, p. 7) existem duas etapas antecedentes a construção do marco teórico:

- revisão da literatura correspondente ao tema da pesquisa: essa etapa consiste em identificar, obter e consultar as bibliografias e outras matérias que podem ser de serventia para os propósitos do estudo;
- adoção de uma teoria e desenvolvimento de uma perspectiva teórica: Essa fase é realizada quando se tem uma boa revisão e sistematização de literatura estando plenamente identificadas como as teorias e fundamentos que direcionam e apoiam o trabalho executado.

Com relação ao levantamento da literatura, é uma etapa requerente de extrema atenção e esforço do pesquisador para levantar os documentos e selecionar dentre eles os que estão relacionados ao tema da pesquisa, pois além do levantamento, têm-se a necessidade de se realizar uma revisão seletiva para evitar divergências de ideias no estudo e para identificar o material que mais se enquadra a pesquisa realizada.

A respeito da teoria adotada para embasar a investigação Sampieri, Collado e Lucio (1991, p. 21) apontam a existência de algumas características que precisam estar presentes na teoria escolhida como:

- **ter capacidade de descrição, explicação e predição:** uma teoria deve ser capaz de descrever e explicar o fenômeno a qual faz referencia. Descrever engloba várias questões como definir o fenômeno, suas características e componentes assim como demonstrar as condições em que se apresenta e as diversas maneiras que pode se demonstrar;
- **possuir consistência lógica:** deve ser logicamente consistente, e as proposições que a integram devem estar relacionadas;
- **obter perspectiva:** referente ao nível de generalidade. Uma teoria possui perspectiva, ou seja, quanto maior for o número de fenômenos por ela explicados, maior será a abrangência de sua aplicação;
- **frutificação:** ter a capacidade de gerar novos questionamentos e descobrimentos;
- **parcimônia:** uma teoria configura-se como parcimônia por ser simples e sucinta. Quando consegue explicar vários fenômenos em poucas proposições sem omitir nenhum aspecto do mesmo.

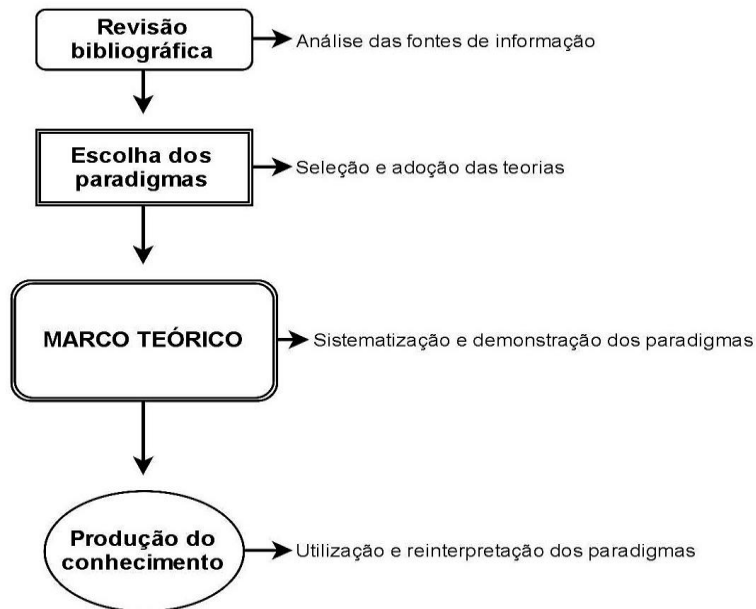
Após a escolha dos autores e de suas teorias é preciso ter cuidado para fazer bom uso desses pensamentos, utilizando de citações diretas e indiretas no texto tendo a atenção para não expor citações de forma aleatória e que não contribuem para a solução do problema de pesquisa (PEREIRA; OTRE, 2014, p. 12). As citações são importantes instrumentos para expor os conhecimentos sobre o assunto abordado. Entretanto deve-se atentar para não ficar apenas citando, mas sim comentar as citações para demonstrar domínio do assunto.

No que diz respeito a localização do tópico marco teórico na pesquisa, Koche (2011, p. 144) diz que “o marco teórico deve ser citado de uma forma sintética na introdução, apenas servindo para o leitor identificar a linha teórica que serviu de base para a pesquisa, uma vez que o seu detalhamento é feito no corpo do trabalho” nota-se que Koche tem um posicionamento diferente com relação a outros autores sobre o marco teórico, pois diversos autores de metodologia científica veem o marco teórico como sinônimo do desenvolvimento do trabalho, enquanto Koche vê o marco teórico como tendo uma relação direta com o desenvolvimento, porém sendo uma etapa diferente e integrante da introdução.

Portanto, é necessário trilhar algumas etapas no desenvolvimento do marco teórico, pois o mesmo é composto por passos que são essências e devem ser respeitados e seguidos para melhor entendimento dessas etapas e para melhor compreensão dos resultados que essas etapas gerarão.

Apresenta-se a seguir um esquema exemplificando como se dá segundo o estudo, o processo de construção do marco teórico:

Esquema 5 - Processo de construção do marco teórico



Fonte: Elaboração própria (2017).

Portanto, entende-se que a construção do marco teórico se dá por etapas e todas essas fases são de extrema relevância no processo de construção da pesquisa, tendo em vista que elaborar um bom marco teórico é primordial a qualquer pesquisa científica, pois o mesmo fundamenta e alicerça a investigação.

4.2 Índice teórico-metodológico

O tópico expõe o resultado final das pesquisas feitas nas teses para identificar os profissionais que podem contribuir no processo de construção do marco teórico em Biblioteconomia e CI.

A forma escolhida para organização das informações obtidas foi a estruturação através de tabelas⁹. As tabelas foram construídas e devidamente divididas baseando-se em estudos de profissionais da Ciência da Informação, notadamente nos estudos de Araújo (2009, p. 193)

⁹ As tabelas citadas são relativas ao índice teórico-metodológico que já fora mencionado no tópico da metodologia da pesquisa. Onde utilizou-se de teses para fazer o levantamento das informações necessárias a construção do mesmo. A adoção do estudo de Araújo foi feito com intenção de fazer as divisões deste índice para que tivesse uma estrutura lógica. Importante ressaltar que o mesmo foi posto em apêndice devido sua extensão.

no qual ele divide as seis correntes teóricas da Ciência da Informação as quais nomeou-se aqui de “grandes áreas da CI”. São elas:

- **teoria matemática de recuperação da informação:** essa corrente da CI foi influenciada diretamente pelos estudos desenvolvidos por Shanon e Weaver ao colaborarem com um dos primeiros conceitos de informação utilizando esquemas da comunicação para demonstrar que a informação é transmitida através de canais e chega a um certo receptor que a receberá e a interpretará. Tal teoria abriu espaço para o estudo da informação, porém os estudos elaborados com base nesse paradigma foram norteados por um pensamento quantitativo e lógico, tendo em vista que no processo de comunicação de Shanon e Weaver a subjetividade do indivíduo receptor da informação é ignorada, levando o foco assim para melhorar a eficiência dos canais de informação através de métodos e técnicas lógicas provenientes da matemática. Foi inserida na CI através dos estudos relacionados a recuperação da informação, voltando-se para procedimentos técnicos de medição e recuperação da informação criou-se então os sistemas de recuperação e representação da informação e mais tarde a bibliometria Araújo. Baseando-se nisso compreende-se que o foco dessa linha de estudo teórica da informação está relacionado a estudos quantitativos da informação, em sistemas de informação, ou seja, na recuperação da informação de forma lógica.
- **teoria sistêmica:** Foi criada tendo influencia direta dos estudos sobre cibernética de Wiener e tem seus princípios fundamentados nas áreas biológicas, essa corrente teórica visa explicar os fenômenos sócias através dos princípios biológicos, da ideia de organização de sistemas orgânicos, vendo os fenômenos da sociedade como parte de um sistema maior onde cada órgão tem sua função e utilidade. Na CI essa corrente teórica se manifestou de duas formas, a primeira está relacionada com a função da informação na sociedade e a importância de sua preservação para as gerações posteriores, a segunda está relacionada a sistemas de informação utilizando do princípio cíclico da biologia de saída e de entrada de entidades para fazer uma ligação com os processos de tratamento da informação e disseminação da informação.
- **teoria crítica da informação:** fundamenta-se nas ciências humanas, especificamente na filosofia e história. Essa corrente defende a ideia de que a realidade tem fundamento em si própria, tem como influenciador a filosofia de

Heráclito e toma por base as investigações epistemológicas e a negação do evidente, pois procura sempre aquilo que pode estar escondido, ou mal interpretado. Na CI a teoria crítica investiga o conflito de igualdades, o embate de interesses relacionados a informação e busca a explicação dos fenômenos através de sua historicidade. Pode-se dizer que aborda questões como a democratização da informação, acesso a informação, sistemas alternativo de informação.

- **teorias da representação e classificação:** tem influencia direta das ideias de Dewey e tem seu foco nos estudos de classificação e representação da informação de forma prática para que seja organizada sistemicamente, geralmente em forma de linguagem controlada para ser recuperada por sistemas de informação, com relação a computação estuda também questões como hipertextos, metadados, ontologias e web semântica.
- **produção e comunicação científica:** teve sua origem durante e após segunda guerra mundial, influenciada pela necessidade de informação rápida e eficaz frisando em questões como o desenvolvimento científico e tecnológico. Os estudos nessa corrente desviam o foco da “informação objeto” e o direciona para o estudo de seus fluxos e transferências. De forma mais específica na CI estuda questões como classificação das fontes de informação, importância e confiabilidade da informação, informação como recurso estratégico no ambiente empresarial e gestão da informação de forma geral.
- **estudo de usuários:** desenvolveu-se primeiramente através dos estudos de comunidades e de perfil de usuários essa linha teórica busca entender o que é a informação do ponto de vista das estruturas mentais dos usuários, estuda principalmente características como perfil do usuário, ambientes informacionais, uso da informação em determinado ambiente de informação.

Percebe-se a diversidade de áreas que a Ciência da Informação utiliza em seus estudos, para Capurro (2003) essa diversificação se dá devido o grande número de influencias de outras áreas no processo de fundação da CI.

Sobre as divisões feitas no índice teórico-metodológico, foi dividido em três partes, a primeira contém os teóricos selecionados, a segunda as grandes áreas da CI¹⁰ onde os mesmos

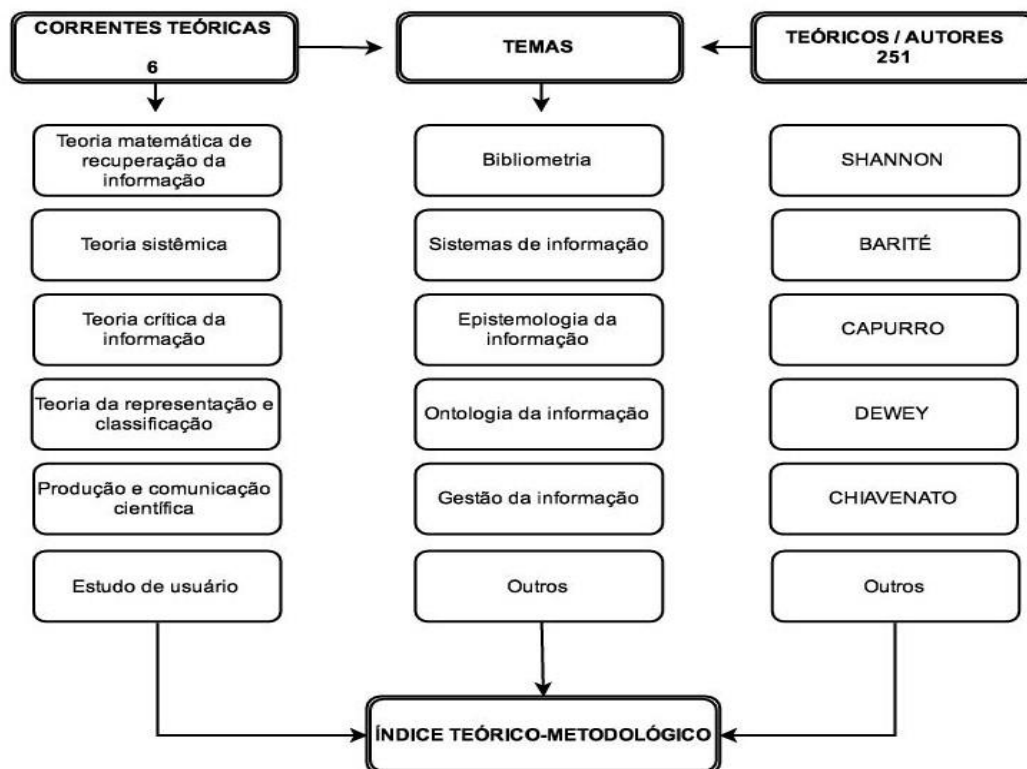
¹⁰ O termo “grandes áreas da CI” é utilizado no estudo baseando-se em Araújo (2009) onde o mesmo mostra a existência de correntes gerais e áreas específicas da CI e em Le Coadic (2004, p. 23) onde também identifica as grandes áreas existentes na Ciência da Informação.

se enquadram e a terceira as áreas específicas de CI e Biblioteconomia onde esses autores podem contribuir com suas reflexões e estudos.

É importante destacar que não se deu o nome “índice teórico-metodológico” para o levantamento de informações feito nas teses, com a pretensão de criar um modelo a ser seguido, ou de levantar todos os termos que tenham caráter teórico-metodológico, mas sim por entender o significado de índice como sendo uma listagem de autor, título ou assunto que faz parte de um documento ou de uma coleção de documentos (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2017, p. 12). Já o termo “teórico-metodológico” é citado pelos autores de metodologia científica para se referir aos elementos da ciência que possui tanto vertente teórica como empírica, para exemplificar pode ser citado as técnicas científicas combinadas a reflexões epistemológicas para a produção de conhecimento (SEVERINO, 2007, p. 106).

Visando a melhor compreensão do processo de construção do índice mencionado, demonstra-se a seguir um esquema que sintetiza os processos relacionados a elaboração do mesmo:

Esquema 6 – Levantamento do marco teórico das teses (UFMG / UNESP)



Fonte: Elaboração própria (2017)

Com base nisso, a escolha do termo se deu pelo fato de que o estudo levantou teóricos e os identificou com base nos temas das teses pelos quais foram citados para criar uma lista de

autores que poderão, ou não, ser utilizados para auxiliar na construção metodológica de trabalhos de cunho acadêmico, sejam eles artigos científicos, ou, trabalhos de conclusão de curso, visando auxiliar um melhor aprofundamento teórico no processo de construção da pesquisa científica.

5 CONCLUSÃO

Portanto, a investigação partiu do problema relacionado ao aprofundamento do significado de marco teórico e seus pressupostos, como a definição de teórico e teoria através da visão dos conhecimentos científicos já estipulados sobre o assunto, e a demonstração e aplicação desses significados em trabalhos acadêmicos no âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Para embasar a necessidade de desenvolvimento desses problemas, apoiou-se principalmente na questão do pragmatismo da CI e da necessidade de aprofundamento teórico da mesma.

O desenvolvimento do estudo possibilitou um melhor entendimento sobre a definição, utilidade e importância do marco teórico, visando sua melhor aplicação no trabalho acadêmico, pois foi feita uma investigação e demonstração dos conceitos teóricos relacionados a sua elaboração.

Através das investigações feitas nas bibliografias, levantou-se os conceitos de teoria e teóricos sendo o último chamado no trabalho de “autores do novo paradigma” por se entender através dos pensamentos do autor Thomas Kuhn que as teorias reproduzidas e aceitas pela comunidade científica são chamadas de paradigmas. A identificação desses termos foi necessária para o estudo, pois pode-se entender que nem toda reflexão, ou pensamento se configura como teoria, da mesma forma, nem todos os autores na ciência se constituem como teóricos. Com base nisso, dissertou-se sobre o conceito de marco teórico, e entendeu-se que o mesmo não é uma simples relação de autores, mas sim uma etapa basilar do trabalho acadêmico tendo como fundamento as reflexões teóricas de estudiosos que marcaram um determinado ramo da ciência. A compreensão do caráter do marco teórico é importante, pois contribui para um aperfeiçoamento no processo de metodologia da pesquisa.

Durante o desenvolvimento do trabalho observou-se uma existência de sinônimos e divergências sobre o termo “marco teórico” entre os autores de metodologia. Entretanto, optou-se por selecionar os autores que se identificassem com a linha de pensamento do estudo, visando melhor estruturação lógica para o mesmo.

Compreendeu-se que as etapas constituintes do marco teórico se dão pela escolha de paradigmas teóricos, pela sistematização desses paradigmas, sua interpretação e por fim a aplicação na pesquisa, visando melhor fundamentação epistemológica da investigação. A respeito de sua inserção no corpo do estudo compreendeu-se que deve ser objetivo e sugere-se que se encontre de forma inteligível na introdução do trabalho.

Baseando-se nas definições dos conceitos teóricos levantados pelo estudo, criou-se um índice teórico-metodológico para exemplificar a relação entre teoria e marco teórico, esse índice tem como fim, auxiliar no processo de identificação dos autores que podem contribuir na construção do marco teórico de trabalhos acadêmicos. Constata-se que o índice foi construído tomando por fundamento o marco teórico das teses de doutorado da Unesp-Marília e UFMG que possuem os dois cursos de doutorado em CI mais bem avaliados na última avaliação da Capes ocorrida em 2013. Entretanto, o índice não tem pretensão de ser infalível, ou de servir como guia absoluto, já que a própria ciência é passível de erros e não se detém a verdades absolutas, mas sim de dar uma contribuição a mais para a área teórico-metodológica em Biblioteconomia. Ressalta-se, ainda, que por ter sido feita a delimitação dos anos relativos a última avaliação citada, para o levantamento nas teses, não se pôde investigar as teses mais recentes dessas universidades o que pode dar abertura futuramente para um estudo comparativo entre essas teses com o objetivo de analisar o padrão de qualidade dos aportes teóricos-metodológicos da mesma, tendo como norte teóricos e metodólogos que abordem o assunto.

Da mesma forma, outra percepção importante seria construir um índice temático e onomástico no próprio trabalho, a fim de facilitar a busca dessas pistas pelos interessados. Mas, em razão do tempo exigido e também não constituir objetivo do estudo não foi possível realizar essa ação, o que pode, quem sabe, no futuro, despertar novas pesquisas.

Compreendeu-se também ao longo da pesquisa que existe uma necessidade de abordagens teóricas no campo da Ciência da Informação e estudos que seguem essa linha de reflexão são de suma importância para a fundamentação e concretização da mesma. Viu-se que as teorias e técnicas são importantes no processo do fazer científico e na fundamentação das ciências, com isso pode-se dizer que estudos de cunho teórico-metodológicos podem auxiliar numa busca por melhor fundamentação teórica para a CI e propiciar aportes teóricos para uma possível investigação epistemológica, tendo em vista que um estudo epistemológico sobre o campo interdisciplinar da Ciência da Informação auxiliaria na fundamentação de suas bases como ciência.

Portanto, entende-se que ao se desenvolver um marco teórico bem constituído em Biblioteconomia e CI levando em consideração seus subsídios teóricos necessários para nortear todo o processo da pesquisa, se contribui para um determinado avanço teórico-metodológico nessas áreas, auxiliando e facilitando com isso a organização e sistematização das informações necessárias para embasar o desenvolvimento de futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALCOFORADO, Fernando. **A ciência e os avanços no conhecimento sobre a evolução das espécies**. 2016. Disponível em: <<http://www.abenc-ba.org.br>>. Acesso em: 09 mar. 2017.

APPOLINÁRIO, Fabio. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2007.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da ciência da informação. **Ciência da Informação**, v. 38, n. 3, p. 192-204, 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Rio de Janeiro. **NBR 6023 - Informação e documentação - Referência - Elaboração**. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR14724 - Informação e documentação - Trabalhos acadêmicos - Apresentação**. Rio de Janeiro, 2005.

BARRETO, Aldo de Albuquerque; SMIT, Johanna. Ciência da informação: base conceitual para a formação do profissional. In: VALENTIM, Marta Lígia(Org). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. p. 9-23.

BEZERRA, Márcia Elena Soares; BEZERRA, Edson do Nascimento. Aspectos humanistas, existenciais e fenomenológicos presentes na abordagem centrada na pessoa. **Revista do NUFEN**, v. 4, n. 2, p. 21-36, 2012.

BRANDÃO, Lídia Maria Batista (org.). **Para entender a ciência da informação**. Salvador: EDUFBA, 2007.

BREBENS, Maria Aparecida; OLIARI, Anadir Luiza Thomé. A evolução dos paradigmas na educação: do pensamento científico tradicional a complexidade. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 7, n.22, p. 53-66, set./ dez.. 2007.

BRITO, Antonia Edna. **Fundamentos teóricos-metodológicos da pesquisa II**. Piauí: UFPI, 2009.

BRUM, Igor Vilela. **Biologia**. Juiz de fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Ciência da Informação, 2003. Disponível em: <http://www.capurro.de/enancib_p.htm>. Acesso em: 20 jan. 2016.

CARDOSO, Andréa. **Fundamentos da pesquisa operacional**. Minas Gerais: UNIFAL, 2011.

CASTILHO, Auriluce Pereira. **Manual de metodologia científica**. Itumbiara: ILES/ULBRA, 2011.

CONDURÚ, Marise Teles; PEREIRA, José Almir Rodrigues. **Elaboração de trabalhos acadêmicos: normas, critérios e procedimentos**. 5. ed. Belém, 2013.

DE CARVALHO, José Mauricio. Pesquisa científica e evolução social. **Educação e filosofia**, Minas Gerais, v. 17, n. 33, p. 185-193, 2008.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

DIAS, Donaldo de Souza. **Como escrever uma monografia**. Rio de Janeiro: UFRJ/COPPEAD, 2009.

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Glossário de ciência da informação**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/fabico/graduacao/biblioteconomia/glossario-de-ciencia-da-informacao>>. Acesso em: 20 mar. 2017

FRANÇA, Patrícia Cunha. Conceitos, classes e/ou universais: com o que é que se constrói uma ontologia? **Linguamática**, v. 1, n. 1, p. 105-121, 2009.

FLEISSNER, Peter; HOFKIRCHNER, Wolfgang. Informatio revisited: wider den dinglichen informationsbegriff. In: **Informatik Forum**, 3., 1995. Disponível em <http://cartoon.iguw.tuwien.ac.at/iguw/menschen/hofkirchner/papers/InfoConcept/Informatio_revisited/in-format.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2017.

GASTON, Bacharelard. **A epistemologia**. Lisboa: Setenta, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES E SILVA, Junia. Ciência da informação: uma ciência do paradigma emergente. In: PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro (org.). **Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade**. Brasília; Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 1999.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Tupykurumin, 2001.

KOCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Brinquet de Lemos, 2004.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. São Paulo: Bookman Editora, 2012.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATHEUS, Renato Fabiano. Rafael Capurro e a filosofia da informação: abordagens, conceitos e metodologias de pesquisa para a Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 140-165, jul./dez. 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa et al (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MIRANDA, Antônio. **Ciência da informação: teoria e metodologia de uma área em expansão**. Brasília: Thesaurus, 2003.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O periódico científico. In: CENDÓN, Beatriz Valadares; CAMPELLO, Bernadete Santos; KREMER, Jeannette Marguerite (Org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Editora UFMG, 2000.

OLIVEIRA, Paulo Eduardo de (org.). **Ensaio sobre o pensamento de Karl Popper**. Curitiba: Círculos de Estudos Bandeirantes, 2012.

PEREIRA, Clarissa Josgrilberg; OTRE, Maria Alice Campagnoli. **Manual de Normas técnicas para elaboração de projetos de pesquisas e monografias**. Marília: Faip, 2014.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.

RIVERA-GARCÍA, Patricia. **Marco teórico, elemento fundamental en el proceso de investigación científica**. Disponível em: <<http://www.itescam.edu.mx/principal/sylabus/fpdb/recursos/r74556>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

ROBREDO, Jaime. **Da ciência da informação revisada: aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus; SSRR informações, 2003.

RUTH, Sautu; PAULA, Boniolo; DALLE, Pablo; RODOLFO, Elbert. **La construcción del marco teórico en la investigación social**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Métodología de la Investigación**. 5.ed. McGrawHill: México, 1991.

SANTOS, Luiz Carlos dos. **A pesquisa científica: o marco referencial teórico**. Disponível em: <<http://www.abenc-ba.org.br>>. Acesso em: 09 mar. 2017.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origens, evolução e relações. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Edima Aranha. Evolução histórica do método científico: desafios e paradigmas para o século XXI. **Econ. Pesqui.**, Araçatuba, v. 3, n. 3, 2001.

SOUZA, Edivanio Duarte de. Dimensões teórico-metodológicas da Ciência da Informação: dos desafios à consolidação Epistemológica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais**. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/viewFile/2983/2109>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. A pesquisa e produção de conhecimentos. **Acervo digital da UNESP**, São Paulo 2016. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br>>. Acesso em: 1 mar. 2017.

UNIVERSIDADE DO PORTO. **100 perguntas, 100 respostas**. Porto, [2009].

APÊNDICE A – ÍNDICE TEÓRICO-METODOLÓGICO

AUTORES	GRANDES ÁREAS DA CI E BIBLIOTECONOMIA	ÁREAS ESPECÍFICAS DA BIBLIOTECONOMIA E CI
Neste quadro estão divididos autores teóricos e não teóricos. Os que não se configuram como teóricos, segundo os conceitos propostos pelo trabalho, mas que são muito citados e utilizados, estão em negrito.	Áreas gerais nas quais os respectivos autores se enquadram dentro das divisões de correntes teóricas da Ciência da Informação propostas por Araújo (2009).	Áreas nas quais os autores podem ser utilizados como marco teórico no processo de construção de trabalhos acadêmicos.
Amossy, Ruth	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria da classificação e representação 	Teoria literária, Ontologias, Comunicação, Discurso.
Alvarenga, Lídia	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza matemática • Teoria da classificação e representação 	Teoria da classificação, Bibliometria, Modelagem conceitual, Organização da informação, Sistemas de informação, Representação da informação.
Archibugi, Daniele	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Ética e informação, Direito a informação, Tecnologia da informação.
Arendt, Hannah	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Teoria sistêmica 	Teoria política, Filosofia política, Informação e sociedade, Filosofia da história.
Aristóteles	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Teoria sistêmica 	Filosofia, Filosofia da informação, Teoria da retórica, Ontologia, Educação, Ética e informação, Lógica.
Arrow, Kenneth Joseph	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Estudos de usuários 	Informação e sociedade, Informação política, Economia da informação.
Askar-Zadeh, Lotfali	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza matemática • Teoria sistêmica 	Sistemas de informação, Teoria Linguística, Ontologia, Tecnologia da informação.
Augé, Marc	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Antropologia, Estudos étnicos.

Bachelard, Gaston	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Produção e comunicação científica 	Epistemologia, Metodologia científica, Estudos teórico-metodológico.
Bakhtin, Mikhail	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria da classificação e representação 	Teoria literária, Linguagem, Ontologia, Filosofia da informação.
Barbosa, Ricardo Rodrigues	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica 	Gestão da informação e do conhecimento, Sistemas de informação, Administração de recursos humanos, Política e planejamento governamental, Tecnologia educacional.
Barite, Mário	<ul style="list-style-type: none"> • Teorias de classificação e representação • Estudos em produção e comunicação científica 	Organização da informação, Metodologia científica aplicada a Ciência da Informação, Sistemas de informação, Informação e Sociedade, Representação da informação.
Barnard, Chester	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Produção e comunicação científica 	Teoria da Gestão, Gestão do conhecimento, Gestão de informação, Gestão de bibliotecas, Organização da informação.
Barreto, Aldo de Albuquerque	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Teoria crítica 	Informação e sociedade, Historicidade da Ciência da Informação, Epistemologia da Ciência da informação, Informação e cognição, disseminação da informação, armazenamento da informação.
Baudrillard, Jean	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Informação e economia, Informação e cultura, Literatura, Antropologia.
Bauer, Martin	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza matemática • Teoria sistêmica 	Tecnologia da informação, Pesquisas qualitativas, Informação e sociedade, Informação e cognição.
Bauman, Zygmunt	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Informação e economia, Relações sociais, Estudos de usuário.
Beghtol, Clare	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria da classificação e representação 	Organização da informação, Classificação da informação, Representação da informação.

Belkin, Nicholas J.	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza matemática • Estudos de usuários 	Bibliotecas digitais, recuperação da informação, disseminação da informação, estudos de usuários.
Bell, Daniel	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Estudos culturais, Informação e política.
Bellotto, Heloísa Liberalli	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica 	Sistemas de arquivo, Técnicas arquivísticas, Arquivo permanente, Diplomacia, Disseminação da informação, Gestão da informação institucional.
Bentham, Jeremy	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Teoria crítica 	Informação e sociedade, Informação jurídica, Informação e política, Direito a informação, Filosofia da informação.
Berger, Peter L.	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Informação e cultura, Informação e teologia.
Bertalanffy, Ludwing Von	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação biológica, Informação e psicologia, sistemas biológicos.
Bloom, Harold	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica 	Teoria literária, Ontologia, Leitura informacional, Educação.
Blumer, Herbert	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Psicologia e informação social, estudos de usuários.
Bobbio, Norberto	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Teoria jurídica, Informação jurídica, Ética e informação, Teoria política, Filosofia política.
Borgman, Christine L.	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica 	Acesso à informação, Comunicação acadêmica, Bibliometria, Tecnologias da informação.
Borko, Harold	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza matemática • Teoria da classificação e representação 	Sistemas de informação, Recuperação da informação, Informação documental, Indexação.
Boulding, Kenneth E.	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Organização da informação, Informação e economia.

Bourdieu, Pierre	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Teoria Social, Informação e educação.
Bruns, Axel	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza matemática • Teoria sistêmica 	Sistemas de informação, Tecnologias da informação, Recuperação da informação.
Butler, Judith	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Teoria crítica 	Teoria da antropologia, Estudos de gêneros, Filosofia política, Ética e informação, Filosofia da informação, Teoria feminista.
Canclini, Nestor Garcia	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Informação artística, Informação e economia, Cultura, Comunicação.
Canclini, Néstor García	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Cultura, Economia, Comunicação.
Capra, Fritjof	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Teoria crítica 	Filosofia da informação, Epistemologia, Sistemas de informação, Informação biológica.
Capurro, Rafael	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica 	Epistemologia da Informação, Epistemologia da Ciência da Informação, Ética e informação, Ontologia da Informação.
Cassirer, Ernst	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Teoria da classificação e representação 	Teoria da linguagem, Estudo dos símbolos, Representação da informação, Ontologias, Filosofia da informação, Epistemologia, Antropologia filosófica.
Castells, Manuel	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Estudos de usuários 	Informação e sociedade, Comunicação social, Sociedade e tecnologia.
Certeau, Michel de	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Estudos históricos, Cultura, Informação e política.
Charaudeau, Patrick	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria da classificação e representação 	Informação e linguística, Análise de discurso, Informação política.
Charaudeau, Patrick	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria da classificação e representação 	Teoria Linguística, Informação e linguística, Representação da informação, Informação e política.
Chartier, Roger	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica 	Informação e história, Educação, História do livro, Informação e cultura.

Chaui, Marilena	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Produção e comunicação científica 	Filosofia da educação, Filosofia da Informação, Informação e sociedade, Ética e informação.
Chaumier, Jacques	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria da classificação e representação • Produção e comunicação científica 	Teoria da documentação, Informação e documentação, Documentação e linguística.
Chiavenato, Idalberto	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica 	Teoria da Administração, Gestão da informação e do conhecimento, Sistemas de informação, Administração de recursos humanos, Política e planejamento governamental, Tecnologia educacional.
Choo, Chun Wei	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica • Estudos de natureza matemática • Teoria sistêmica 	Gestão da informação, Recuperação da informação, Organização do conhecimento, Uso da informação.
Clark, Herbert H.	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e psicologia, Informação e linguística, Informação e comunicação.
Codd, Edgar F.	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza matemática • Teoria sistêmica 	Tecnologia da informação, Base de dados, Sistemas de informação, Recuperação da informação.
Collins, Allan M.	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza matemática • Teoria sistêmica 	Informação e cognição, Epistemologia da informação, Informação e educação.
Collins, Randall	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Teoria social, Filosofia social, Informação e economia.
Comaroff, John	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Informação e antropologia, Informação e cultura.
Cook, Terry	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica 	Filosofia do arquivo, Teoria arquivística, Gestão da informação institucional, Informação e documentação, Arquivo e sociedade.

Cunha, Murilo Bastos da	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica • Teoria sistêmica • Estudo de usuário 	Biblioteca digital, Tecnologia da informação, Estudo de usuário, Biblioteca universitária.
Currás, Emilia	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Teoria da classificação e representação 	Teoria cognitiva, Sistemas de informação, Ontologia, Taxonomia, Tesouros, Informação e documentação.
Cyert, Richard Michael	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica • Teoria sistêmica 	Gestão da informação, Organização da informação, Informação e economia.
Daft, Richard L.	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza Matemática 	Gestão da informação, Organização da informação.
Dahlberg, Ingetraut	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica • Teoria da classificação e representação da informação 	Teoria organizacional, Teoria da informação, Classificação da informação, Representação da informação, Organização da informação, Organização do conhecimento.
D'Aveni, Richard	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica 	Informação estratégica, Planejamento de unidade de informação, Gestão da informação, Marketing em bibliotecas.
Davenport, Thomas H.	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica 	Planejamento de unidade de informação, Gestão da informação, Marketing em bibliotecas, organização da informação.
Dervin, Brenda	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza matemática • Produção e comunicação científica 	Recuperação da informação, Informação e comunicação, Disseminação da informação, Marketing e informação.
Desvallées, André	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica • Teoria da classificação e representação 	Paradigmas da Museologia, Informação e cultura, Informação e arte, Representação da informação, Antropologia.
Domingues, Ivan	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica 	Filosofia da informação, Hermenêutica, Epistemologia nas Ciências Humanas, Ética e informação.

Dretske, Fred	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Filosofia da informação, Teoria da informação, Teoria do conhecimento, Informação e cognição, Epistemologia, Filosofia da mente.
Drucker, Peter	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Gestão da informação, Organização da informação.
Durkheim, Émile	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Informação e religião, Estudos de usuários.
Eagleton, Terry	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica 	Teoria literária, Ontologia, Linguagem e informação, Leitura informacional.
Easton, David	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Informação e política, Teoria dos sistemas políticos.
Eco, Umberto	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica 	Filosofia da informação, Informação e psicologia, Informação e cognição.
Elias, Norbert	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Teoria social, Informação e sociedade, História da ciência.
Ellis, Albert	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Teoria da psicologia, Teoria cognitiva, Antropologia.
Emirbayer, Mustafa	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Cultura, Redes sociais.
Eppler, Martin J.	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Produção e comunicação científica 	Gestão da informação, Gestão de unidades de informação, Recuperação da informação.
Etzioni, Amitai	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Organização da informação, Gestão da informação.
Feher, Michel	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Informação e economia.
Festinger, Leon	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Teoria cognitiva, Teoria da psicologia, Informação e cognição, Teoria da comparação social, Estudo de usuário, Estudos comportamentais.
Fleck, Ludwik	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Filosofia da sociologia, Sociologia da ciência.

Fligsten, Neil	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica • Teoria sistêmica 	Informação mercadológica, Informação e sociedade, Gestão da informação.
Floridi, Luciano	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica 	Filosofia da informação, Ética da informação, Epistemologia, Filosofia da informática.
Fodor, Jerry	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Teoria crítica 	Filosofia da mente, Filosofia da linguagem, Informação e cognição, Representação da informação.
Fonseca, Edson Nery da	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica 	História da Biblioteconomia, Biblioteca escolar, Biblioteca Digital, Comunicação científica, Conservação de Bibliotecas e Arquivos, Documentação e informação.
Fortunati, Leopoldina	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Ética e informação, Comunicação, Cultura.
Foskett, Douglas John	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica • Teoria da classificação e representação 	Representação da informação, Classificação da informação, Sistemas de informação, Sistemas de bibliotecas, Educação.
Foucault, Michel	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Estudos cognitivos e psicológicos relacionado à informação, Filosofia da informação, Informação jurídica.
Freeman, Christopher	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Estudos de natureza matemática 	Tecnologia da informação, Informação e política, Informação e sociedade, Teoria das inovações.
Freeman, R. Edward	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Produção e comunicação científica 	Gestão da informação, Gestão do conhecimento, Gestão de bibliotecas, Organização da informação.
Frege, Gottlob	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de origem matemática 	Filosofia da matemática, Teoria matemática, Sistemas de informação, Filosofia da informação, Lógica.

Freire, Paulo	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria da classificação e representação • Teoria sistêmica 	Teoria da pedagogia, Linguística, Informação e educação, Informação e sociedade, Cultura.
Friedman, Milton	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Teoria crítica 	Informação e sociedade, Teoria política, Política e informação, História da política, Teoria monetária.
Gadamer, Hans-Georg	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Teoria sistêmica 	Hermenêutica, Antropologia e informação, Filosofia da informação, Epistemologia.
Gadamer, Hans-Georg	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Estudos cognitivos, Psicologia e informação.
Garfinkel, Harold	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Teoria sistêmica 	Teoria social da informação, Informação e sociedade, Metodologia científica.
Geertz, Clifford	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Teoria sistêmica 	Teoria social da informação, Informação e sociedade, Informação e antropologia, Hermenêutica.
Genette, Gérard	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria da classificação e representação 	Teoria literária, Ontologia, Hipertexto.
Gerard, Salton	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza matemática 	Organização, Recuperação da informação.
Gergen, Kenneth J.	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Psicologia social, Biblioterapia.
Giddens, Anthony	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Teoria sistêmica 	Teoria social, Informação e política, Informação e antropologia, Informação e história, Filosofia da informação, Epistemologia.
Gigch, John P. Van	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria da classificação e representação • Teoria sistêmica 	Teoria organizacional, Gestão do conhecimento, Sistemas de informação, Organização de sistemas, Planejamento de unidades de informação.
Glaser, Barner G.	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica 	Metodologia científica, Teoria metodológica das ciências sociais, Análise de dados, Levantamento qualitativo.
Goethe, Johann Wolfgang Von	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria da classificação e representação 	Teoria da arte, Semiótica, Teoria literária, Ontologia, Botânica.
Goffman, Erving	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Teoria sistêmica 	Teoria social, Informação e sociedade, Informação jurídica.

Goguen, Joseph	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Teoria da classificação e representação da informação • Estudos de natureza matemática 	Filosofia da computação, Teoria dos sistemas, Ontologias, Tecnologia da informação, Web semântica.
González de Gómez, Maria Néida	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Teoria sistêmica 	Filosofia da informação, Epistemologia da Informação, Sistemas de informação, Representação da informação, Informação em rede, Globalização da Informação, Informação e política.
Gramsci, Antonio	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Literatura crítica, Cultura, Informação e Política, Educação, Filosofia da informação, Economia.
Granovetter, Mark	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Disseminação da informação, Redes sociais, Informação e economia.
Gruber, Tom	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Teoria da classificação e representação 	Sistemas de informação, Tecnologia da informação, Ontologias, Base de dados.
Guarino, Nicola	<ul style="list-style-type: none"> • Estudo de natureza matemática • Teoria da classificação e representação 	Informação e Ontologia, Sistemas de informação.
Guattari, Félix	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Teoria sistêmica 	Filosofia da informação, Informação e cognição, Informação e política.
Haack, Susan	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Estudos de natureza matemática 	Filosofia da lógica, Epistemologia, Filosofia da linguagem, Filosofia da informação, Pragmatismo.
Habermas, Jürgen	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica 	Filosofia da informação, Epistemologia da informação, Comunicação, Disseminação da informação, Ética e informação, Informação Jurídica.
Halbwachs, Maurice	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Teoria crítica 	Informação e sociedade, Ética e informação, Antropologia.

Hall, Edward T.	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Sociedade e informação, Relações interpessoais, Estudos de usuários.
Hall, Stuart	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Informação e política, Teorias Culturais.
Hanne, Albrechtsen	<ul style="list-style-type: none"> • Estudo de natureza matemática • Teoria da Classificação e representação • Teoria Sistêmica 	Sistemas de informação, Organização da informação, Estudos cognitivos relacionados à informação, Informação e sociedade.
Havelock, Eric A.	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica 	Teoria crítica, História da literatura, Filosofia da literatura, Filosofia da informação.
Heidegger, Martin	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica 	Filosofia da informação, Epistemologia, Informação e psicologia, Informação e história.
Heller, Ágnes	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Filosofia da informação, Dialética, Ética e sociedade, Teoria política.
Hjørland, Birger	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Estudos de natureza matemática • Teoria da classificação e representação 	Filosofia da informação, Epistemologia da informação. Informação e linguística, Informação e ontologia, organização da informação, Disseminação da informação.
Hofstede, Geert	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Teoria social, Psicologia social, Teoria cultural, Antropologia, Interculturalidade.
Holmberg, Börje	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Estudos de natureza matemática 	Teoria da educação, Educação à distância, Sistemas de informação, Tecnologia da informação e comunicação.
Homans, George C.	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Estudos de usuário 	Informação e Sociedade, Psicologia Social, Estudo de usuário da informação.
Hopcroft, John	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza matemática • Teoria sistêmica 	Teoria da computação, Tecnologia da informação, Sistemas de informação, Teoria da linguagem.
Horn, John L.	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e cognição, Teoria da inteligência, Psicologia.
Hunt, Shelby D.	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica 	Marketing em bibliotecas, Organização da informação, Informação estratégica.

Husserl, Edmund	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Teoria da classificação e representação 	Filosofia da informação, Epistemologia, Lógica, ontologia da informação.
Ingwersen, Peter	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza matemática • Teoria sistêmica 	Recuperação da informação, Indexação, Sistemas de informação, Base de dados, Organização da informação, Bibliometria.
Jakobson, Roman	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria da classificação e representação 	Teoria linguística, Comunicação, Disseminação da informação, Signos linguísticos, Fonologia, Linguagem infantil.
Japiassu, Hilton	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica 	Epistemologia da Informação, Filosofia da informação, Educação.
Jardim, José Maria	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza matemática • Estudos em produção e comunicação científica 	Gestão de arquivos, Políticas públicas de informação, Informação e sociedade, Direito a informação.
Jardim, Jose Maria	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica • Teoria sistêmica 	Arquivologia e ciência da informação, Gestão de arquivos, Políticas públicas da informação, Política de arquivos, Governo eletrônico, Direito a informação.
Jenkinson, Hilary	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica 	Teoria arquivística, Disseminação da informação, Tratamento da informação, Gestão da informação, Gestão de arquivo, Informação institucionais.
Johnson, Steven	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Produção e comunicação científica 	Sistemas de informação, Informação e cognição, História da ciência, Emergência nas ciências, Cultura.
Keegan, Desmond	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Estudos de natureza matemática 	Teoria da educação, Educação à distância, Sistemas de informação, Tecnologia da informação e comunicação.
Koche, José Carlos	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Produção e comunicação científica 	Epistemologia, Filosofia da informação, Metodologia da pesquisa, Estudos teórico-metodológicos, Educação.

Köhler, Wolfgang	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Teoria da psicologia, Informação e cognição, Percepção da informação.
Koselleck, Reinhart	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Teoria sistêmica 	Teoria da história, História dos conceitos, Informação e sociedade.
Kotler, Philip	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica 	Marketing em bibliotecas, Organização da informação, Informação estratégica.
Kuhlthau, Carol	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica • Estudos de usuários 	Recuperação da informação, Disseminação da informação, Gestão da informação, Gestão de bibliotecas, Estudo de usuário.
Kuhn, Thomas	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Teoria sistêmica • Produção e Comunicação científica. 	Epistemologia da ciência, Metodologia científica, Estudos teórico- metodológicos, estudos em produção científica, Repositórios institucionais.
Lakoff, George	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Teoria linguística, Informação e cognição, Informação e sociedade.
Lasswell, Harold	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Teoria da Comunicação, Disseminação da informação, Informação e política.
Latour, Bruno	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Sociologia da informação, Epistemologia, Antropologia.
Le Coadic	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Produção e comunicação científica. • Teoria crítica 	Sistemas de informação, Disseminação e recuperação da informação, Infometria, Epistemologia da Ciência da Informação, História da Ciência da informação.
Le Goff, Jacques	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica 	Informação histórica, Antropologia.
Le Moigne, Jean-Louis	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Estudo de natureza matemática 	Sistemas de Informação, Epistemologia da Ciência da Informação, Estudos cognitivos relacionados à informação, Organização da informação.
Lévi-Strauss, Claude	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Antropologia, Estudos étnicos.
Lévy, Pierre	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza matemática • Teoria sistêmica 	Sistemas de informação, Informação e tecnologia, Recuperação da informação.

Lincoln, Yvonna Sessions	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica • Teoria da classificação e representação 	Metodologia científica, Pesquisa qualitativa, Epistemologia, Ontologia.
Lindblom, Charles E.	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Informação e política. Ética e informação.
Lubetzky, Seymour	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria da classificação e representação 	Representação da informação, Classificação da informação, Catalogação da informação, Sistemas de informação.
Machlup, Fritz	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Informação e economia, Interdisciplinaridade.
Mackenzie, Kenneth D.	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza Matemática • Teoria sistêmica 	Sistemas de informação, Organização da informação, Representação da informação.
Mannheim, Karl	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Teoria social, Informação e cultura, Teoria do conhecimento.
March, James G.	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica. • Teoria sistêmica 	Gestão da informação, Informação e política, Informação e Sociedade.
Martín-Barbero, Jesús	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Comunicação, Mediação da informação, Filosofia da informação, Epistemologia, Informação política.
Marx, Karl	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Informação e economia, Teoria da sociologia.
McLuhan, Marshall	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Estudos de natureza matemática 	Tecnologia da informação, Teoria da comunicação, Disseminação da informação, Teoria social, Informação e cognição, Teoria social.
Mead, George Herbert.	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, psicologia social, pragmatismo filosófico. .
Meadows, Arthur Jack	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica 	Comunicação científica, Recuperação da informação, Repositórios institucionais. .
Merton, Robert	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Teoria crítica 	Informação e sociedade, Teoria social, Teoria da ciência.

Milanesi, Luís	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica 	Bibliotecas públicas, Gestão de bibliotecas, Biblioteca digital, Tecnologia da informação, Sistemas de informação.
Millikan, Ruth	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e cognição, Informação e linguagem. .
Minayo, Maria Cecília de Sous	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica 	Informação e sociedade, Metodologia científica, Estudos teórico-metodológicos, Investigação social.
Minsky, Marvin	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Sistemas de informação, Estudos cognitivos, Inteligência artificial.
Mintzberg, Henry	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica 	Gestão da informação, Gestão de bibliotecas, Planejamento estratégico da informação.
Mitroff, Ian	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria da classificação e representação • Produção e comunicação científica 	Teoria organizacional, Organização da informação, Gestão do conhecimento, Gestão da informação, Sistemas de informação em gestão.
Moor, James H.	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza matemática • Teoria sistêmica 	Teoria da computação, Ética e informação, Ética computacional, Tecnologia da informação, Sistemas de informação, Base de dados, Filosofia da inteligência artificial, filosofia da mente, Lógica. .
Moreno, Jacob Levy	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria epistêmica 	Psicologia e informação, Relações sociais, Psicodrama. .
Morgan, Gareth	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Gestão da informação, organização da informação
Morin, Edgar	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Teoria sistêmica 	Filosofia da informação, Informação e cognição, Epistemologia, informação e sociedade
Mueller, Suzana Pinheiro Machado	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica. 	Pesquisa em Ciência da Informação, comunicação científica, Profissionais da informação.
Murdock, George	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Teoria social, Informação e sociedade, Sistemas sociais, Antropologia, Informação e política.
Newell, Allen	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Estudos de natureza matemática 	Organização da informação, Informação e cognição, Inteligência artificial.

Nonaka, Ikujiro	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria da classificação e representação • Produção e comunicação científica 	Teoria organizacional, Gestão da informação, Gestão do conhecimento, Planejamento de unidades de informação.
O'Donnell, Guillermo	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Ética e informação, Informação e política.
O'Reilly, Tim	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Sistemas de informação, Tecnologias da informação.
Ortega, Cristina Dotta	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica • Teoria da classificação e representação 	Informação e documentação, Organização da informação, Informação e comunicação, Representação descritiva. .
Ortiz, Renato	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Cultura, Historicidade das Ciências sociais. .
Otlet, Paul .	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria da classificação e representação • Estudos de natureza matemática 	Informação documental, Representação da informação, Classificação da informação, Organização do conhecimento, Organização da informação, Sistemas de informação. .
Pavis, Patrice	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria da classificação e representação da informação 	Teoria linguística, Ontologia, Disseminação da informação, Leitura informacional, Cultura. .
Pearson, Karl	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza matemática • Teoria sistêmica 	Sistemas de informação, Teoria estatística, Educação, Estudos cognitivos. .
Pêcheux, Michel	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria da classificação e representação 	Ciência Social, Teoria linguística, Análise de discurso, Ontologia. .
Peirce, Charles Sanders	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Teoria da classificação e representação da informação 	Teoria Linguística, Signos informacionais, Ontologia, Semiótica.
Peters, Otto	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Estudos de origem matemática 	Teoria da educação, Educação à distância, Informação e sociedade, Sistemas de informação.
Pfeffer, Jeffrey	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Produção e comunicação científica. 	Gestão da informação, Unidades de informação, Informação política, Marketing em Bibliotecas.

Plant, Sadie	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Tecnologia da informação.
Platão	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica 	Filosofia da informação, Epistemologia, Educação, Ética e informação, Informação jurídica.
Polanyi, Michael	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Teoria crítica 	Filosofia da informação, Epistemologia, Informação biológica.
Prinz, Jesse	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Filosofia da mente, Filosofia da informação, Estudos cognitivos.
Przeworski, Adão	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Ética e informação, Informação e economia, Teoria econômica.
Richards, Ivor Armstrong	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Teoria da classificação e representação 	Teoria literária, Ontologia, Representação da informação, Informação e cognição.
Richers, Raimar	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica 	Marketing em bibliotecas, Informação estratégica.
Ricoeur, Paul	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Teoria da classificação e representação 	Filosofia da linguagem, Filosofia da informação, Filosofia moral, Filosofia política, Filosofia da ação, Hermenêutica, Teoria social, Teoria da linguagem.
Robredo, Jaime	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Estudos de natureza matemática • Teoria de classificação e representação 	Sistemas de informação, Filosofia da informação, Recuperação da informação, Cientometria, Webmetria, Bibliometria, Infometria, Representação temática da informação.
Rogers, Everett	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Produção e comunicação científica 	Teoria da comunicação, Tecnologia da comunicação, História da comunicação.
Rosch, Eleanor	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria da classificação e representação • Teoria sistêmica 	Estudos cognitivos, Representação mental de conceitos, Representação da informação, Teoria linguística.
Rosen, Robert	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Teoria biológica, Informação biológica, Sistemas de informação.
Rouillé, André	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Teoria da fotografia, Iconografia e documentação, Artes, Educação, Documentos fotográficos.

Rousseau, Jean-Jacques	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Teoria crítica 	Filosofia social, Teoria social, Informação e sociedade, Informação política, Direito e informação.
Rússio, Waldisa	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Produção e comunicação científica 	Teoria da Museologia, Filosofia da informação, Disseminação da informação.
Salmon, Wesley C.	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica 	Epistemologia, Filosofia da informação, Historicidade científica.
Santaella, Lucia	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria da classificação e representação • Teoria sistêmica 	Teoria linguística, Teoria dos signos, Semiótica, Cultura, Comunicação, Tecnologia da informação, Sistemas de informação.
Santos, Boa Ventura de Souza	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Teoria crítica 	Informação e sociedade, Informação jurídica, Informação e Política, Educação.
Santos, Marcelo Rodrigues dos	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e economia, Macroeconomia, Economia do desenvolvimento, Finanças públicas.
Santos, Milton	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Teoria da Geografia, Informação econômica.
Saracevic, Tefko	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Estudos de natureza matemática • Teoria sistêmica 	Historicidade da Ciência da informação, recuperação da informação, Informação e cognição, indexação, sistemas de informação, Bibliotecas digitais.
Sartori, Giovanni	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Ética e informação, Teoria social.
Sartre, Jean-Paul	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Teoria sistêmica 	Filosofia Social, Filosofia da informação, Epistemologia, Ética e informação, Informação e política, Metafísica, Informação e economia.
Saussure, Ferdinand de	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria da classificação e representação • Teoria sistêmica 	Teoria linguística, Ontologia, Representação da informação, Informação e cognição, Disseminação da informação.
Sayão, Luis Fernando	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos em produção e comunicação científica 	Bibliotecas digitais, Base de dados, Publicações eletrônicas, Pesquisa e preservação digital.

Schopenhauer, Arthur	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Teoria da psicologia, Educação, Informação e cognição.
Schumpeter, Joseph	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Teoria crítica 	Informação e sociedade, Informação e política, Ética e informação, Teoria social, Gestão da informação, Marketing em bibliotecas.
Schwartz, Shalom H.	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Teoria cognitiva social, Antropologia.
Searle, John	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria da classificação e representação • Teoria sistêmica 	Teoria linguística, Filosofia da linguagem, Filosofia da mente, Informação e cognição, Comunicação, Disseminação da informação.
Sedgwick, Eve Kosofsky	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica 	Teoria da antropologia, Teoria psicológica, Informação e cognição, Informação e sociedade, Teoria do comportamento.
Serres, Michel	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza matemática • Teoria sistêmica 	Epistemologia, Sistemas de informação, Educação, Meio ambiente, Comunicação.
Shannon, Claude	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza matemática 	Teoria da informação, Informação e comunicação, Disseminação da informação, Recuperação da informação, Estudo de usuário, sistemas de informação, base de dados.
Shera, Jesse Hauk	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Estudos de natureza matemática • Estudo de usuário 	Organização da informação, Epistemologia da Informação, Informação e sociedade, Organização do conhecimento.
Sheth, Amit	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Estudos de natureza matemática 	Sistemas de informação, Tecnologia da informação, Arquitetura da informação, Web semântica, Metadados.
Silva, Armando Malheiro	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria Crítica 	Filosofia da informação, Informação e história.
Simon, Herbert	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza Matemática • Teoria sistêmica 	Sistemas de informação, Base de dados, Gestão da informação, Tecnologia da informação, Informação e cognição, Informação e psicologia, inteligência artificial.
Smith, Barry	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Teoria da classificação e representação 	Informação e cognição, Ontologias, sistemas de informação.

Sola, Tomislav	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica • Teoria sistêmica 	Teoria da museologia, Filosofia da informação, Gestão da informação, Gestão patrimonial, Marketing da informação.
Souza, Iarisse Sieckenius de	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Sistemas de informação, Tecnologia da informação, Informação e cognição.
Sowa, John F.	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza matemática • Teoria sistêmica • Teoria da classificação e representação 	Sistemas de informação, Representação da informação, Informação e ontologia.
Stallman, Richard Matthew	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Tecnologia da informação, Software Livre.
Starbuck, William H.	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza matemática 	Gestão da informação, Informação estratégica, Gestão de bibliotecas.
Stigler, George	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Teoria da economia, Informação e sociedade, Economia e informação, História da economia.
Svenonius, Elaine	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria da classificação e representação 	Representação da informação, Teoria da catalogação, Classificação da informação.
Taylor, Frederick Winslow	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Produção e comunicação científica 	Informação e sociedade, Gestão da informação, Gestão do conhecimento.
Theodore Roosevelt Schellenberg	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos em produção e comunicação científica • Teoria sistêmica 	Teoria arquivística, Filosofia do arquivo, Armazenamento da informação, Disseminação da informação, Técnicas de arquivo, Recuperação da informação, Gestão da informação institucional.
Touraine, Alain	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Teoria crítica 	Informação e sociedade, Metodologia social, Informação e economia.
Tsoukas, Haridimos	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Teoria organizacional, Estudos sistêmicos, Organização da informação, Gestão da informação.
Varine, Hugues de	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Teoria crítica 	Teoria da Museologia, Informação e Comunicação, Informação e sociedade, Ecomuseu.

Vergueiro, Waldomiro	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica • Teoria sistêmica 	Gestão de unidade de informação, Desenvolvimento de coleções, Educação e informação, Disseminação da informação.
Verón, Eliseo	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Epistemologia da informação, Linguagem, Comunicação, Filosofia da informação.
Vickery, Brian Campbell	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza matemática • Teoria da classificação e representação 	Sistemas de informação, Recuperação da informação, Representação e indexação.
Vygotsky, Levi	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Linguagem, Cognição, Signos e informação, Psicologia.
Wallerstein, Immanuel	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Teoria crítica 	Informação e sociedade, Globalização, Relações sociais, Teoria dos sistemas mundiais.
Walter, Benjamin	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria crítica 	Teoria literária, Informação e educação, Teoria da arte, Cultura.
Weaver, Warren	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza matemática 	Teoria da informação, Informação e comunicação, Disseminação da informação, Recuperação da informação, Estudo de usuário, sistemas de informação, base de dados.
Weber, Max	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Teoria social, economia, Ética e informação, Informação e política, Informação jurídica.
Webster, Frank	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Segurança da informação, Tecnologia da informação, Informação e política.
Weick, Karl E.	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica • Teoria sistêmica • Teoria crítica 	Gestão da informação, Relações intersociais, Informação cognitiva e psicológica.
Wersig, Gernot	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica • Estudos de natureza Matemática • Teoria sistêmica 	Sistemas de informação, Informação e sociedade, Tecnologia da comunicação e informação.
Wiener, Norbert	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza matemática • Teoria sistêmica 	Tecnologias da informação, Sistemas de informação, Comunicação, Disseminação.

Wilfrid, Frederick	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria da classificação e representação • Estudos de natureza matemática 	Sistemas de informação, Recuperação da informação, Representação temática da informação, Indexação.
Wilson, Thomas D.	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e comunicação científica • Estudos de natureza Matemática 	Recuperação da informação, Gestão da informação e do conhecimento, Uso da informação, Comportamento informacional.
Wittgenstein, Ludwig	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos de natureza matemática • Teoria sistêmica 	Filosofia da informação, Lógica, Filosofia da linguagem, Filosofia da mente.
Woolgar, Steve	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica 	Informação e sociedade, Sociologia da informação, Epistemologia, Antropologia.
Zilles, Urbano	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria sistêmica • Teoria crítica 	Filosofia da informação, Teoria do conhecimento, Epistemologia.

APÊNDICE B – RELAÇÃO DAS TESES CONSULTADAS

TESES DA UFMG

AUTOR DA TESE	TÍTULO	ANO
Célia da Consolação Dias	Análise do Domínio Organizacional na Perspectiva Arquivística: Potencialidade no Uso da Metodologia DIRKS - Designing and Implementing Recordkeeping Systems	2010
Jaime Sadao Yamassaki Bastos	Programa de pesquisa em monitoração ambiental: perspectivas e considerações metodológicas para uma agenda de desenvolvimento	2010
Ana Paula Ladeira	Processamento de linguagem natural: caracterização da produção científica dos pesquisadores brasileiros	2010
Andres Manuel Villafuerte Oyola	Modelagem para organização e representação do conhecimento em ontologias de domínio: uma experiência na área da cultura do sorgo	2010
Pedro Claudio Coutinho Leitão	Informação, concorrência e processo decisório em Instituições de Ensino Superior: um estudo sob o enfoque do sensemaking organizacional	2010
Maria das Graças de Pinho Tavares	Informação, aprendizagem e criação do conhecimento em comunidades de prática: um estudo de caso	2011
Marcelo Rodrigues dos Santos	Sistema de registro eletrônico de saúde baseado na Norma ISO 13606: aplicações na Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais	2011
Joana Ziller de Araujo Josephson	Qualidade da informação e produsage: semiótica, informação e o usuário antropofágico	2011
Vania Carvalho Rola Santos	Gestão, informação e comunicação museológica: um estudo comparativo entre pequenos e médios museus brasileiros e franceses	2011
Frederico Cesar Mafra Pereira	Comportamento informacional na tomada de decisão: proposta de Modelo Integrativo	2011
Anderson Fabian Ferreira Higino	Ciência da Informação, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade: uma análise do contexto brasileiro com foco no ENANCIB	2011
Dalgiza Andrade Oliveira	A influência da Ciência da Informação nos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil: formação docente, aspectos teóricos e manifestações temáticas	2011

Fernando Skackauskas Dias	Migração conceitual entre Sistemas de Recuperação da Informação e Ciências Cognitivas: uma análise discursiva	2011
Camila Maciel Campolina Alves Mantovani	Narrativas da mobilidade: comunicação, cultura e produção em espaços informacionais	2011
Edivanio Duarte de Souza	A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar	2011
Claudia Silveira da Cunha Ribas	Ações informacionais nas equipes de produção de educação a distância: possibilidades e importância de atuação do bibliotecário	2011
Ricardo Bezerra Cavalcante	Sistema de Informação da Atenção Básica (SIAB) como instrumento de poder	2011
Marina Cajaiba da Silva	Pesquisas em Ciência da Informação sobre inclusão digital	2012
Adelio Segredo Dias	Estudo de governo eletrônico de Moçambique e do Estado de São Paulo- Brasil: uma discussão sobre as políticas	2012
Jaqueline Abreu Vianna	O trabalho mediado por TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação e seus efeitos sobre o trabalhador	2012
Anna Elizabeth Galvao Coutinho Correia	A influência exercida pelo sistema de avaliação da Capes na produção científica dos Programas de Pós-Graduação em Física	2012
Izabel França de Lima	Bibliotecas Digitais: modelo metodológico para avaliação de usabilidade	2012
Patricia Espirito Santo	O que informam as cartas de leitores e leitoras enviadas a jornais impressos: os casos do Estado de Minas e do Le Monde	2012
Eduardo de Mattos Pinto Coelho	Ontologias difusas no suporte à mineração de dados: aplicações na Secretaria de Finanças da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte	2012
Magali Rezende Gouvea Meireles	Categorização de documentos a partir de suas citações: um método baseado em redes neurais artificiais	2012
Josmaria Lima Ribeiro de Oliveira	Estudo comparado entre bibliotecários, contadores e analistas de tecnologia da informação: processo de profissionalização e seu efeito na formação, atuação e reconhecimento profissional.	2012
Fabricio Ziviani	A dinâmica de conhecimento e inovação no setor elétrico brasileiro: proposta de um conjunto de indicadores	2012
Alzira Karla Araujo de Lima	Redes de coautoria em Ciência da Informação no Brasil: dinâmica na produção científica dos atores mediada pela ANCIB	2012
Aparecida Maciel da Silva Shikida	Construção e constituição de uma ciência: análise bibliométrica e arqueológica do periódico Ciência da Informação – Brasil	2012

TESES DA UNESP

Sueli Bortolin	Mediação oral da literatura: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando	2010
Cesar Augusto Cusin	Acessibilidade em Ambientes Informacionais Digitais	2010
Cássia Regina Bassan de Moraes	Gestão do conhecimento nas organizações: modelo conceitual centrado na cultura organizacional e nas pessoas	2010
Elvis Fusco	Modelos conceituais de dados como parte do processo da catalogação: perspectiva de uso dos frbr no desenvolvimento de catálogos bibliográficos digitais	2010
Fabio Assis Pinho	Aspectos éticos em representação do conhecimento em temáticas relativas à homossexualidade masculina: uma análise da precisão em linguagens de indexação brasileiras	2010
Rogério Aparecido Sá Ramalho	Desenvolvimento e utilização de ontologias em Bibliotecas Digitais: uma proposta de aplicação	2010
Rachel Cristina Vesú Alves	Metadados como elementos do processo de catalogação	2010
Liriane Soares de Araújo de Camargo	Metodologia de desenvolvimento de ambientes informacionais digitais a partir dos princípios da arquitetura da informação	2010
José Eduardo Santarem Segundo	Representação Iterativa: um modelo para Repositórios Digitais	2010
Angela Maria Grossi de Carvalho	A apropriação da informação: um olhar sobre as políticas públicas sociais de inclusão digital	2010
Wilmara Rodrigues Calderon	O arquivo e a informação arquivística: da literatura científica à prática pedagógica no brasil	2011
Emilena Josimari Lorenzon	Análise de domínio para avaliação de tesouros: uma experiência com a cadeia produtiva do calçado no brasil	2011
José Carlos Abbud Grácio	Preservação digital na gestão da informação: um modelo processual para as instituições de ensino superior	2011

Rodrigo de Sales	A presença de kaiser no quadro teórico do tratamento temático da informação (ti)	2012
Regis Garcia	Ambientes e fluxos informacionais: modelo de diagnóstico de interferências (DIFI) sob a ótica dos valores culturais.	2012
Irisneide de Oliveira Souza Silva	A organização e a representação do conhecimento no domínio da arquivística	2012
Zaira Regina Zafalon	Scan for marc: princípios sintáticos e semânticos de registros bibliográficos aplicados à conversão de dados analógicos para o formato marc21 bibliográfico	2012
Ana Cristina de Albuquerque	A classificação de documentos fotográficos: um estudo em arquivos, bibliotecas e museus	2012
Bianca Gonçalves de Souza	A documentação da fé: fluxos, apropriações e enquadramentos de objetos votivos no santuário nacional de aparecida	2012
Rodrigo Octávio Beton Matta	Aplicação do Modelo Transteórico de Mudança de Comportamento para o estudo do Comportamento Informacional de Usuários de Informação Financeira Pessoal	2012
Fabiano Ferreira de Castr	Elementos de interoperabilidade na catalogação descritiva: configurações contemporâneas para a modelagem de ambientes informacionais digitais	2012
Patrícia da Silva Moreno e Souza	Srdigital: proposta de um modelo baseado na linguagem natural e controlada como instrumentos de apoio ao agente computacional do processo de referência	2012